

A infelicidade individual em qualquer vida é assim explicada: (a) Constitui a punição pelo mal feito em vidas passadas; (b) é a disciplina assumida pelo eu superior com o propósito de eliminar defeitos ou adquirir força e sintonia. Quando defeitos são eliminados é como se fosse removida uma obstrução em um canal de irrigação, o que então permite que a água flua. A felicidade é explicada do mesmo modo: um resultado de vidas anteriores de bondade.

A forte base científica da ética correta é encontrada nessa e não em outras doutrinas. Pois se a ética correta tiver que ser praticada apenas por si própria, os homens não verão motivo para isso, e nunca estiveram aptos a ver por que colocá-la em prática apenas por seu próprio valor. Se a ética tiver que ser seguida a partir do medo, o homem se degradará e certamente fugirá da obrigação. Se a meta for obter a proteção do Todo- Poderoso, sem base na lei ou na justiça, então nós teremos o que prevalece hoje – um código dado por Jesus para o ocidente e professado pelas nações, mas não praticado a não ser pelos poucos que já seriam virtuosos em qualquer situação.

Sobre isso os adeptos escreveram o seguinte, que pode ser encontrado em “A Doutrina Secreta”:

“Nem seriam os caminhos do carma inescrutáveis, se os homens trabalhassem com união e harmonia, ao invés de desunião e disputa. Pois nossa ignorância sobre esses caminhos – que uma parte da humanidade chama de intricados e escuros caminhos da Providência, enquanto outra parte vê neles a ação de um fatalismo cego e uma terceira parte vê simples acaso, sem deuses ou demônios a guiá-lo – nossa ignorância certamente desapareceria, se atribuíssemos a todos os caminhos a sua causa correta. Com o conhecimento correto, ou pelo menos com a convicção confiante de que nossos vizinhos não pensarão em machucar-nos mais do que nós pensamos em machucá-los, dois terços do mal do mundo se desmancharia no ar. Se nenhum homem ferisse seu irmão, Carma-Nemesis não teria motivos para trabalhar, nem armas através das quais agir (.....) Nós talhamos essas numerosas sinuosidades em nossos destinos diariamente com nossas próprias mãos, enquanto imaginamos que estamos a seguir uma trilha na estrada real da respeitabilidade e do dever, e depois reclamamos do fato de que aqueles caminhos são tão confusos e escuros. Ficamos desorientados diante do mistério produzido por nós mesmos, e diante das charadas da vida *que não queremos resolver*, e então condenamos a grande Esfinge por devorar-nos. Mas verdadeiramente não há um acidente em nossas vidas, nenhum dia infeliz ou dissabor que não possa ser rastreado até nossos atos passados, nessa ou em outra vida (.....) O conhecimento do carma dá a convicção de que, se –

‘a virtude em aflição e o vício em triunfo
Produzem ateus na humanidade’,

– é apenas porque a humanidade fechou desde sempre seus olhos para a grande verdade de que é o homem ele mesmo seu próprio salvador e seu próprio destruidor; que ele não precisa acusar os céus e os deuses, destino ou providência, pela aparente injustiça que reina no seio da humanidade. Mas é preferível deixá-lo lembrar e repetir aquele pedaço de sabedoria grega, que adverte o homem de que deve evitar fazer acusações contra *Aquele* que

‘Justo, embora misterioso, nos conduz sem erro
Por caminhos não traçados, desde a culpa até a punição’

– os quais são agora os caminhos e a estrada por onde se movem as grandes nações europeias.[4] Os arianos [5] do Ocidente tiveram em cada nação e tribo, assim como seus irmãos orientais da quinta raça, as suas idades de ouro e do ferro, seu período de relativa irresponsabilidade, ou a idade Satya de pureza, enquanto agora vários deles atingiram sua idade do ferro, a *Kali Yuga*, uma era *negra de horrores*. Esse estado irá durar... até que comecemos a agir a partir de dentro ao invés

de seguir impulsos vindos de fora... Até então o único paliativo é a união e a harmonia – uma Fraternidade prática, e altruísmo não apenas no nome.” [6]

NOTAS:

[1] “The Light of Asia” (“A Luz da Ásia”), de Edwin Arnold. Há uma edição brasileira desta obra. (NT)

[2] Há inúmeros casos, também, em que a deficiência física ou outro obstáculo qualquer não é um carma plantado pelo indivíduo em vida anterior, mas constitui apenas um “erro da natureza”, ou um efeito colateral do carma coletivo, ou do carma de outra pessoa, que atinge injustamente o indivíduo. Tais “erros” serão compensados em vidas posteriores. Se todo sofrimento fosse sempre uma punição justa por alguma coisa, neste momento a humanidade já teria chegado à perfeição. Mas o sofrimento também decorre de erros e injustiças contra quem sofre, que terão de ser corrigidos no futuro. A vida de William Judge é um exemplo deste fato. Pouco depois da publicação deste livro em 1893, o carma coletivo do movimento teosófico – que é um resumo do carma humano – fez com que uma conspiração política dirigida por Annie Besant o afastasse injustamente da posição de liderança que exercia no movimento. Longe de ser uma “justa punição”, este grave erro histórico, em que a traição esteve presente, deve ser corrigido para que W. Q. Judge e o seu exemplo de dedicação à humanidade sejam devidamente reconhecidos, e para que o movimento teosófico em seu conjunto volte a apreciar a teosofia autêntica como um caminho eficaz para a sabedoria e a libertação. (NT)

[3] Veja a nota anterior. (NT)

[4] “Por caminhos não traçados desde a culpa até a punição, os quais são agora os caminhos e a estrada por onde se movem as grandes nações europeias.” A ideia de que no final do século 19 a Europa estava a caminho de uma punição cármica pode ser uma referência às duas guerras mundiais, a primeira em 1914-1918, e a segunda em 1939-1945. No intervalo, houve a guerra civil espanhola de 1936-1939, que serviu de “ensaio geral” para a segunda guerra. (NT)

[5] Os povos arianos são todos os povos desde a Índia até a Europa, ou seja, os povos indo-europeus, independentemente de cor da pele ou condição social. Os criminosos nazistas da segunda guerra mundial distorceram o termo “ariano” para justificar ideologicamente o seu doentio racismo germânico, que é frontalmente inimigo da proposta teosófica de fraternidade universal entre todos os povos. (NT)

[6] “The Secret Doctrine”. Helena P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1982, Vol. I, pp. 643-645. (NT)

000

CAPÍTULO XII

Kama-Loka

Tendo passado por todo o campo da evolução das coisas e seres de uma maneira geral, vamos considerar agora os estados do homem após a morte do corpo e antes do nascimento. Isso nos traz de imediato as seguintes questões:

Há algum paraíso ou inferno, e onde eles ficam? Eles são lugares ou estados? Há um ponto no espaço onde eles possam ser encontrados e para os quais nós vamos, ou de onde nós viemos?

Também devemos retomar o assunto do quarto princípio da constituição humana, aquele princípio chamado *Kama* em sânscrito, e *Paixões* ou *Desejos* nos idiomas ocidentais. Tendo em mente o que foi dito sobre aquele princípio, e também o ensinamento a respeito do corpo astral e da Luz Astral [1] será mais fácil entender o que é ensinado sobre os dois estados, anterior e posterior à morte. Em ordem cronológica, nós vamos para o *kama-loka* – ou o plano do desejo – logo após a morte do corpo, e mais tarde os princípios mais elevados, que formam o homem real, entram no estado de *devachan*. Depois de tratar do *kama-loka*, será mais fácil estudar a questão do *devachan*.

O sopro deixa o corpo e dizemos que o homem está morto, mas isso é apenas o começo da morte; ela prossegue em outros planos. Quando a estrutura física está fria e os olhos fechados, todas as forças do corpo e da mente se lançam através do cérebro, e através de uma série de imagens toda a vida recém-terminada é impressa indelevelmente no homem interior; não apenas em linhas gerais, mas até o mínimo detalhe, e mesmo no caso de impressões minúsculas e passageiras. Nesse momento, embora todas as indicações levem o médico a declarar o óbito, e embora do ponto de vista prático externo a pessoa já esteja morta, o homem real está ocupado em seu cérebro, e só depois do trabalho ali ser concluído é que a pessoa se vai. Quando esse trabalho solene está terminado, o corpo astral se destaca do físico, e a energia vital tendo partido, os quatro princípios remanescentes [2] ficam no plano de *kama-loka*.

A separação natural dos princípios, trazida pela morte, divide o homem total em três partes:

Primeiro, o corpo visível com todos os seus elementos deixados para posterior desintegração no plano terrestre, onde tudo que o compõe será a seu tempo dissolvido nos diferentes aspectos da natureza.

Segundo, o *Kama rupa*, constituído do corpo astral e das paixões e desejos, que também começa logo a se desintegrar no plano astral.

Terceiro, a tríade superior, *Atma-Buddhi-Manas*, o homem real. Ele não está morto, mas agora está fora das condições terrestres, desprovido de corpo, e começa a funcionar no *devachan* apenas como mente. Ele fica então coberto por uma veste muito etérea, que irá abandonar quando tiver chegado a hora de retornar à terra.

O *kama-loka* ou o lugar dos desejos é a região astral que permeia e rodeia a terra. Como lugar, ele está acima, dentro e em volta da terra. Sua extensão vai até uma distância mensurável da terra, mas as leis habituais que agem aqui não agem lá, e as entidades lá não estão sob as mesmas condições de espaço e tempo em que nós estamos. Como um estado, ele é metafísico, embora esta metafísica

se relacione com o plano astral. É chamado de plano do desejo porque se relaciona com o quarto princípio, e nele a força dominante é o desejo destituído de inteligência manásica e divorciado dela. É uma esfera astral intermediária entre a vida terrena e a celeste. Sem sombra de dúvida, esta é a origem da teoria cristã do purgatório, onde a alma passa por punições pelo mal feito, e do qual ela pode ser liberada pela oração e outras cerimônias e oferendas.

O fato subjacente a essa superstição é que a alma pode ficar detida em *kama-loka* pela força de algum enorme desejo insatisfeito, sem poder se livrar das vestimentas astrais e kâmicas até que o desejo seja satisfeito por alguém na terra, ou pela alma em si. Mas se a pessoa tinha a mente pura e altas aspirações, a separação dos princípios naquele plano é completada logo, permitindo que a tríade superior siga para o *devachan*. Como este plano é feito apenas de esfera astral, ele partilha da natureza da matéria astral que é essencialmente terrestre e maldosa. Nela todas as forças agem sem a direção da alma ou da consciência no sentido superior. Este astral é o esgoto, por assim dizer, da grande fornalha da vida, que a natureza provê para lançamento dos elementos que não terão lugar no *devachan*, e por essa razão deve ter vários estágios, cada um dos quais foi observado pelos antigos. Esses estágios são conhecidos em sânscrito como *lokas* ou lugares, em um sentido metafísico. A vida humana é muito variada, e para cada uma das suas potencialidades é dado um lugar apropriado após a morte, o que faz de *kama-loka* uma esfera infinitamente variada. Na vida, algumas das diferenças entre os homens são modificadas e algumas são inibidas por uma similaridade de corpo e de hereditariedade, mas em *kama-loka* todas as paixões e desejos ocultos são liberados em consequência da ausência de corpo, e por essa razão o estado é imensamente mais diversificado do que no plano da vida. Não apenas é necessário enfrentar as diferenças e variedades naturais, mas também aquelas causadas pelo tipo de morte, sobre o que algo deve ser dito. E todas essas divisões são apenas o resultado natural dos pensamentos durante a vida e dos últimos pensamentos de cada pessoa que morre na terra. Está além do alcance deste trabalho entrar na descrição de todos esses estágios, já que volumes inteiros seriam necessários para descrevê-los, e, ainda assim, poucos entenderiam.

Lidar com o *Kama-loka* nos obriga a lidar também com o quarto princípio na classificação da constituição do homem, e cria um conflito com as ideias e a educação modernas quanto ao tema de desejos e paixões. Em geral se supõe que os desejos e as paixões são tendências inerentes ao indivíduo. O tema tem uma aparência irreal e nebulosa para o estudante comum. Mas de acordo com esse sistema filosófico, elas não são apenas inerentes ao indivíduo, nem são devidas ao corpo em si. Enquanto o homem está vivendo no mundo, os desejos e as paixões – o princípio *kama* – não têm vida separada do homem astral e interior. Eles estão, por assim dizer, distribuídos por todo o seu ser. Mas como eles se unem ao corpo astral depois da morte, desta maneira formando uma entidade com seu prazo próprio de vida embora sem alma [3], questões muito importantes surgem. Durante a vida mortal, os desejos e paixões são guiados pela mente e pela alma; após a morte eles funcionam sem a direção do antigo mestre. Enquanto vivemos, somos responsáveis por eles e por seus efeitos, e quando deixamos essa vida ainda somos responsáveis, embora eles continuem a trabalhar e a provocar efeitos nos outros enquanto durarem nas condições que descrevi, e sem o nosso comando direto. Nisso é vista a continuidade da responsabilidade. Eles são uma parte dos *skandhas* [4] – bem conhecidos na filosofia oriental – que são os agregados formadores do homem. O corpo inclui um conjunto de *skandhas*, o homem astral outro, o princípio *kama* é outro conjunto, e ainda outros se referem a outras partes. Em *kama* estão aqueles realmente ativos e importantes, que controlam os renascimentos e levam a todas as variedades de vida e circunstâncias a cada renascimento. Eles são formados no dia-a-dia de acordo com a lei segundo a qual todo pensamento se combina instantaneamente com uma das forças elementais da natureza, tornando-se nesta medida uma entidade que irá durar de acordo com a força do pensamento com que deixa o cérebro, e todos eles estão inseparavelmente conectados com o ser que os produziu. Não há modo de escapar; tudo o que podemos fazer é ter pensamentos de boa qualidade, pois

mesmo os maiores Mestres não estão excluídos dessa lei, mas eles “povoam sua corrente no espaço” com entidades potentes apenas para o bem.

Em *kama-loka*, essa massa de desejos e pensamentos existe de modo muito definido até o término de sua desintegração, e então os remanescentes consistem da essência desses *skandhas*, conectados, é claro, com o ser que os teve e que os produziu. Eles não podem ser apagados, assim como não se pode desmanchar o universo. Então se diz que eles permanecem até que o ser saia do *devachan*. Quando isso ocorre, eles são levados imediatamente até o ser, pela lei da atração. Eles servem como base ou germe, e a partir deles o ser constrói um novo conjunto de *skandhas* para a próxima vida. O *kama-loka* é, portanto, diferente do plano terreno porque nele a massa de paixões e desejos está descontrolada e sem direção. Mas ao mesmo tempo a vida terrestre é também um *kama-loka*, já que é largamente governada pelo princípio *kama*, e assim o será até o dia distante em que, no curso da evolução, as raças dos homens terão desenvolvido o quinto e o sexto princípios, limitando desta forma *kama* à sua própria esfera e livrando a vida terrestre da sua dominação.

Os restos do homem astral em *kama-loka* são apenas uma casca desprovida de mente e de alma, sem consciência e também incapaz de agir, a menos que seja vivificada por forças externas. A casca tem algo que se parece com uma consciência animal ou automática, apenas por causa da sua associação muito recente com um Eu humano. Pois de acordo com o princípio exposto em outro capítulo, todo átomo que vai integrar um homem tem uma memória própria, a qual é capaz de durar um período de tempo proporcional à força dada a ele. No caso de uma pessoa muito material e bruta, ou egoísta, a força dura mais do que em qualquer outra, e assim nesse caso a consciência automática será mais definida e desorientadora para alguém que, por não ter conhecimento, se envolve com necromancia. Sua porção puramente astral contém e carrega o registro de tudo que se passou perante a pessoa enquanto viva, pois uma das funções da substância astral é absorver todas as cenas, quadros e impressões de todos os pensamentos, para retê-los, e lançá-los adiante por reflexo, quando as condições o permitirem. Essa casca astral, deixada para trás por todo homem ao morrer, seria uma ameaça a todos os homens, não fosse desprovida, em todos os casos – exceto em um que deverá ser mencionado – dos princípios superiores, que são os diretores. Mas como os elementos que servem de guia já estão separados da casca, ela tremula e flutua de um lugar ao outro sem qualquer vontade própria, mas governada apenas pelas atrações dos campos astrais e magnéticos.

É possível ao homem real – chamado de “espírito” por alguns – comunicar-se conosco imediatamente após a morte, por uns poucos breves instantes; mas, quando estes passaram, a alma nada mais tem a ver com a terra até reencarnar. O que pode influenciar e de fato influencia o médium e o sensitivo a partir dessa esfera são as Cascas que descrevi. Sem alma e sem consciência, elas não são, em sentido algum, os espíritos dos nossos mortos. Elas são os trajes jogados fora pelo homem interior, a porção grosseiramente terrena descartada no voo para o *devachan*, e sempre foram consideradas pelos antigos como demônios – nossos demônios pessoais – porque são essencialmente astrais, terrenas e passionais. Seria estranho, de fato, se uma tal Casca, depois de ser por tanto tempo o veículo do verdadeiro homem na terra, não retivesse uma memória e consciência automáticas. Se vemos o corpo decapitado de uma rã ou de um galo se movendo e atuando por um tempo com uma inteligência aparente, por que então não seria possível para a forma astral, mais fina e sutil, agir e mover-se com um grau muito maior de aparente direcionamento mental?

Na esfera de *kama-loka* – como, de fato, também em todas as partes do globo e do sistema solar – estão os elementais, ou forças da natureza. Eles são inumeráveis e seus tipos são quase infinitos, uma vez que são, em certo sentido, os nervos da natureza. Cada classe tem seu próprio trabalho tal como o tem cada coisa ou elemento natural. Assim como o fogo queima e a água rola para baixo e

não para cima de acordo com a lei geral, assim também os elementais agem sob a lei, mas como eles estão mais acima na escala do que a água e o fogo brutos, suas ações parecem guiadas por uma mente. Alguns deles têm uma relação especial com as operações mentais e com as ações dos órgãos astrais, quer estes estejam ligados ou não a um corpo.

Quando um médium forma o canal, e também por outros processos, esses elementais fazem uma conexão artificial com a casca da pessoa morta, ajudados pelo fluido nervoso do médium e dos outros que estão por perto. Assim a casca é galvanizada para que tenha uma vida artificial. Através do médium, é feita uma conexão com as forças físicas e psíquicas de todos os presentes. As impressões antigas do corpo astral projetam suas imagens sobre a mente do médium, e as antigas paixões são atiçadas. Várias mensagens e relatos são então obtidos daí, mas nenhum deles é original, nenhum é do espírito. Por sua estranheza, e em consequência da ignorância daqueles que se envolvem nesse campo, isso é encarado como obra do espírito, mas tudo vem dos vivos, quando não é uma mera coleta, na luz astral, de imagens do que aconteceu no passado. Em certos casos a serem mencionados, há uma inteligência trabalhando que é total e intensamente ruim, à qual todo médium está sujeito, e isso explica por que tantos deles sucumbiram ao mal, como têm confessado.

Uma classificação simples dessas cascas que visitam os médiuns será como se segue:

- (1) As cascas de pessoas recentemente falecidas, cujo local de sepultamento não está muito longe. As cascas desse tipo são bem coesas e correspondem à vida e ao pensamento do antigo dono. Uma pessoa boa, não-materialista e espiritualizada deixa uma casca que logo se desintegrará. A casca de uma pessoa bruta, má, egoísta e materialista será pesada, consistente e duradoura, e isso ocorre com todas as variedades.
- (2) As cascas de pessoas que morreram longe do lugar onde o médium está. O lapso de tempo permite que escapem das cercanias de seus antigos corpos, e ao mesmo tempo traz um grau maior de desintegração, que corresponde no plano astral ao que é a putrefação no físico. Estas cascas são vagas, sombrias, incoerentes; respondem apenas brevemente a estímulos psíquicos, e são dispersas por qualquer corrente magnética. Elas são galvanizadas momentaneamente pelas correntes astrais do médium e daquelas pessoas presentes que eram relacionadas com o falecido.
- (3) Remanescentes puramente sombrios, aos quais mal se pode atribuir um local. Não há uma palavra nos idiomas ocidentais para descrevê-los, embora sejam fatos reais nessa esfera. Pode-se dizer que são o mero molde ou impressão deixada na substância astral pela casca anteriormente coesa e há muito desintegrada. Tais cascas estão, por conseguinte, tão próximas de serem fictícias que quase merecem essa designação. Como fotografias sombrias, elas são ampliadas, embelezadas e lhes é dada uma vida imaginária pelos pensamentos, desejos, esperanças e ideias do médium e dos assistentes da sessão.
- (4) Entidades definidas, consistentes, almas humanas desprovidas de vínculo espiritual, tendendo agora ao pior estado de todos, *avitchi*, onde a aniquilação da personalidade é o fim. Tais seres são conhecidos como magos negros. Tendo concentrado a consciência no princípio *kama*, preservaram o intelecto, divorciaram-se do espírito, e são os únicos seres condenados que conhecemos. Em vida, tiveram corpos humanos e alcançaram seu estado terrível através de vidas em que persistiram na maldade pela maldade. Alguns seres, já condenados a se tornarem o que é descrito aqui, estão hoje entre nós na terra. Estas não são cascas comuns, pois centraram toda a sua força em *kama*, jogaram fora qualquer fagulha de bom pensamento ou aspiração e têm completo domínio da esfera astral. Eu coloco tais seres na classificação de Cascas porque o são, no sentido de que estão condenados à desintegração consciente, enquanto as outras terão o mesmo fim apenas mecanicamente. Estas cascas podem durar, e duram de fato ao longo de muitos séculos, satisfazendo seus apetites através de qualquer sensitivo de quem possam se apoderar, e onde o mau

pensamento lhes abra uma brecha. Eles presidem quase todas as sessões espíritas, adotando nomes importantes e assumindo o comando de modo a manter o controle e continuar a ilusão do médium, assim se habilitando a ter um canal conveniente para seus próprios objetivos maldosos. De fato, usando as cascas dos suicidas, ou daqueles pobres coitados que morrem sob as penas da lei, ou dos bêbados e dos glutões, esses magos negros que vivem no mundo astral se apoderam do campo da mediunidade e são capazes de invadir a esfera de qualquer médium, por melhor que ele seja. A porta, uma vez aberta, está aberta para todos. Esse tipo de Casca perdeu o *manas* superior, e não só na luta após a morte, mas também na vida. A porção inferior de *manas*, que deveria ter sido elevada a uma excelência divina, foi arrancada do seu senhor e agora dá inteligência a essa entidade, que é desprovida de espírito mas tem a possibilidade de sofrer, e o fará quando seu dia final chegar.

No estado de *kama-loka*, os suicidas e aqueles que são subitamente expulsos da vida por acidente ou assassinato, legal ou ilegal, passam um período quase igual à duração da vida que teriam se não tivesse ocorrido a sua interrupção súbita. Estes não estão realmente mortos. Para haver uma morte normal, deve estar presente um fator não reconhecido pela ciência médica. Os princípios do ser, conforme descritos nos capítulos anteriores, têm seus próprios prazos de coesão. Quando chega o seu final natural, eles se separam uns dos outros de acordo com suas próprias leis. Isso envolve o grande tema das forças coesivas no indivíduo humano, o que necessitaria um livro à parte. Devo me contentar, portanto, com a afirmação de que essa lei de coesão atua nos princípios humanos. Antes daquele fim natural, os princípios são incapazes de se separar. Obviamente, a destruição normal das forças coesivas não pode ser conseguida por processos mecânicos, exceto no que diz respeito ao corpo físico. Assim, um suicida, ou um indivíduo morto por acidente ou assassinado por outro homem – ou por imposição da lei humana – não chegou ao término natural das forças de coesão que unem os seus outros elementos constituintes, e é lançado ao estado de *kama-loka* apenas parcialmente morto. Lá os princípios remanescentes têm que esperar até que o fim natural da vida seja alcançado, seja isso um mês ou sessenta anos.

Mas os graus de *kama-loka* atendem as muitas variedades de cascas mencionadas acima. Algumas passam o período em grande sofrimento; outras, em um tipo de sono com sonhos, cada uma de acordo com a responsabilidade moral. Os criminosos executados são em geral lançados para fora da vida cheios de ódio e vingança, sofrendo uma penalidade na qual eles não reconhecem justiça. Eles ficam sempre reencenando no *kama-loka* o seu crime, seu julgamento, sua execução e sua vingança. E sempre que podem ter contato com uma pessoa viva sensível, médium ou não, tentam injetar pensamentos de assassinato e outros crimes no cérebro do infeliz. O fato de que eles obtêm sucesso em tais tentativas é conhecido pelos estudantes mais sérios de Teosofia.

Agora nos aproximamos do tema do *devachan*.

Depois de certo tempo no *kama-loka*, o indivíduo saudável alcança um estado de inconsciência que precede a mudança para o próximo estado.

É como o nascimento para a vida, após um período de escuridão e sono pesado. Ele então acorda para a felicidade do *devachan*. [5]

NOTAS:

[1] Veja os capítulos anteriores da presente obra. (NT)

[2] “Quatro princípios remanescentes”. Esta é a correção de um erro. No original em inglês, lemos, certamente por um erro de revisão, “cinco princípios remanescentes”. Ocorre que há sete princípios, e o terceiro princípio, *linga-sharira*, é inseparável do segundo princípio, *prana*,

morrendo junto com ele e com o corpo físico. Nas Cartas dos Mahatmas, lemos: **“Quando o homem morre os seus segundo e terceiro princípios morrem com ele; a tríade inferior desaparece, e o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo princípios formam o quaternário sobrevivente.”** A afirmação está na resposta 5 da Carta 68, em “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, vol. 1, primeiras linhas da p. 302. Confirmando este fato, nas próximas frases W. Q. Judge não menciona como sobrevivente o terceiro princípio, *linga-sharira*. (NT)

[3] A “ausência de alma” ocorre porque o foco central de consciência elevou-se em direção ao Devachan. Esta Casca abandonada pode ser chamada de “Elementário”. Ela vagueia algum tempo antes de desfazer-se. Veja a resposta 5, na Carta 68, de “Cartas dos Mahatmas”, obra citada. (NT)

[4] *Skandhas* – registros cármicos. (NT)

[5] O próximo capítulo de **“O Oceano da Teosofia”** é dedicado ao Devachan - o “plano sagrado” em que a alma vive entre uma encarnação e outra. (NT)

000

CAPÍTULO XIII

Devachan

Tendo mostrado que logo após o limiar da vida humana há um lugar de divisão, onde a melhor parte do homem é separada dos seus elementos mais baixos e irracionais, nós chegamos ao exame do ser real após a morte; do imortal que viaja de vida em vida. Tendo lutado durante a saída do corpo, o homem vai para o *kama-loka*, para o purgatório, onde ele de novo luta e se liberta dos *skandhas* inferiores. Terminado esse período de nascimento, os princípios superiores, *Atma-Buddhi-Manas*, começam a funcionar de uma maneira diferente daquela que o corpo e a mente permitiam durante a vida. Este é o estado do *devachan*, uma palavra sânscrita que significa literalmente “o lugar dos deuses”. Nele a alma desfruta da felicidade; mas como os deuses não possuem corpos semelhantes aos nossos, o eu superior no *devachan* está desprovido de um corpo mortal. Nos livros antigos é dito que esse estado dura “um número infinito de anos” ou “um período proporcional ao mérito do ser”; e quando as forças mentais próprias desse estado se exaurem, “o ser é novamente puxado para baixo, para renascer no mundo dos mortais”.

O *devachan* é, portanto, um intervalo entre nascimentos no mundo. A lei do carma, que força todos nós a entrar no mundo, sendo incessante em sua operação e também universal em seu alcance, age igualmente no ser que está no *devachan*, pois somente pela força ou operação do carma nós somos retirados do *devachan*. É algo como a pressão da atmosfera que, sendo contínua e uniforme, empurra ou esmaga aquilo que está submetido a ela, a menos que haja uma quantidade compensadora de atmosfera para contrabalançar a pressão. Neste caso, o carma do ser é a atmosfera, sempre pressionando o ser para dentro ou para fora de um estado ou de outro. A quantidade atmosférica de compensação é a força dos pensamentos e aspirações da vida do ser. Esta força impede que ele saia do *devachan* até que ela se esgote. Mas, quando ela se gasta, não há nenhum outro poder que detenha o decreto do destino mortal que construímos para nós mesmos.

Este estado pós-morte é uma das necessidades da evolução, e brota da substância da mente e da alma. Assim que o corpo é abandonado, a própria natureza de *Manas* requer um estado devachânico, e este estado é apenas o efeito do afrouxamento das amarras colocadas sobre a mente pelos invólucros físico e astral. Durante a vida, nós só podemos colocar em ação uma pequena parcela dos pensamentos que temos a cada momento; e conseguimos esgotar uma parte ainda menor das energias psíquicas engendradas pelas aspirações e sonhos de cada dia. A energia gerada assim não é perdida ou aniquilada, mas armazenada em *Manas*, já que o corpo físico, o cérebro e o corpo astral não permitem o pleno desenvolvimento dessa força. Assim, mantida latente até a morte, ela irrompe a partir dos laços enfraquecidos e lança *Manas*, o pensador, em um processo de expansão, de uso e de desenvolvimento da força-de-pensamento criada em vida. A impossibilidade de escapar desse estado necessário surge da ignorância do homem sobre seus próprios poderes e faculdades. Dessa ignorância surge a ilusão, e *Manas*, não sendo totalmente livre, é carregado pela sua própria força até a vida mental do *devachan*. Mas apesar de a ignorância ser a causa da ida para esse estado, o processo todo é benéfico, repousante e curativo. Pois se o homem comum retornasse de imediato para outro corpo na mesma civilização que ele acabou de deixar, sua alma estaria completamente desgastada e privada da necessária oportunidade para o desenvolvimento da parte mais elevada de sua natureza.

Livre do corpo mortal e de Kama, o eu superior é coberto no *devachan* por uma vestimenta que não pode ser chamada de corpo, mas que pode ser designada de instrumento ou veículo. Nela o eu superior funciona durante o estado devachânico, inteiramente no plano da mente e da alma. Tudo é tão real, então, para o ser, como o mundo físico nos parece real. Simplesmente ele tem a oportunidade de construir seu mundo para si, sem ser perturbado pelas limitações da vida física. Seu estado pode ser comparado ao do poeta ou artista que, tomado pelo êxtase da composição ou do arranjo da cor, não dá importância nem percebe o tempo, nem os objetos do mundo.

A todo momento estamos produzindo causas, mas existem apenas dois campos para a manifestação dos efeitos de tais causas. Estes são o plano objetivo, como o mundo físico é chamado, e o plano subjetivo, que existe tanto aqui como depois de havermos deixado esta vida. O campo objetivo se relaciona com a vida na terra e com a parte mais grosseira do homem, as suas ações corporais e seus pensamentos cerebrais, e também, às vezes, seu corpo astral. O subjetivo tem a ver com suas partes mais elevadas e espirituais. No campo objetivo os impulsos psíquicos não podem se exercitar, e tampouco podem fazê-lo as altas inclinações e aspirações de sua alma. Assim, estas devem ser a base, a causa, o substrato e o apoio do estado de *devachan*. Qual então é o tempo, medido em anos mortais, que alguém permanecerá no *devachan*?

A questão de lidar com o que o homem terreno chama de tempo não se refere, é claro, ao real significado do tempo em si mesmo, isto é, não se refere ao que pode ser realmente, para nosso sistema solar, a ordem, a precedência, a sucessão e a duração definitiva dos momentos. Esta questão pode ser respondida em relação ao nosso tempo, mas certamente não em relação ao tempo do planeta Mercúrio, por exemplo, onde o tempo não é o mesmo que o nosso; nem, de fato, em relação ao tempo concebido pela alma. Pois, quanto a este último, qualquer homem pode ver que após o transcorrer de vários anos ele não tem nenhuma percepção direta do tempo que passou, mas é capaz apenas de pinçar alguns dos incidentes que marcaram sua passagem, e alguns instantes ou horas comoventes ou felizes parecem para ele ter acontecido ontem. E assim é para o ser que está no *devachan*. Não há tempo lá. A alma tem todos os benefícios do que vai dentro dela naquele estado, mas não se perde em nenhuma especulação quanto à passagem dos momentos; tudo é feito de eventos, enquanto o tempo todo o orbe solar continua construindo os anos para nós no plano terreno. Isso não pode ser encarado como uma impossibilidade, se nos lembrarmos de que, como é bem sabido na vida física, os acontecimentos, os quadros, os pensamentos, as argumentações e os sentimentos introspectivos vêm até nós em detalhes perfeitos em um só instante, ou, como é sabido por aqueles que quase morreram afogados, os eventos de toda uma vida passam em um relance

perante a visão da mente. Mas o eu superior permanece no *devachan* pelo tempo exatamente proporcional aos impulsos psíquicos gerados durante a vida. No entanto, como este é um assunto que lida com a matemática da alma, ninguém a não ser um Mestre pode dizer qual seria o tempo para um homem médio deste século em cada lugar. Desta forma, temos que depender dos Mestres de sabedoria para saber aquela média, pois ela deve se basear sobre um cálculo. Eles dizem, como bem colocado pelo sr. A. P. Sinnett em seu Budismo Esotérico, que o período é em geral 1.500 anos. [1] De uma leitura de seu livro, que foi feito com base em cartas dos mestres, poderíamos inferir que ele deseja afirmar que o período devachânico é, em cada e todo caso, quinze séculos; mas para desfazer esse mal entendido seus instrutores escreveram em uma ocasião posterior que aquele período médio não é fixo. Tal deve ser a verdade, pois como vemos que os homens diferem a respeito dos períodos de tempo que permanecem em qualquer estado mental na vida, devido às variadas intensidades dos seus pensamentos, assim deve ser no *devachan*, onde o pensamento é a maior força, embora sempre devido ao ser que teve os pensamentos.

O que o Mestre disse a respeito disso é o que se segue: “O ‘sono do *devachan*’ dura até que o carma naquela direção seja satisfeito. No *devachan* ocorre uma gradual exaustão da força. A permanência no *devachan* é proporcional aos impulsos psíquicos não exauridos, originados na vida na terra. Aqueles cujas ações foram preponderantemente materiais serão trazidos mais cedo ao nascimento pela força de *Tanha*.”

Tanha é a sede pela vida. Aquele, portanto, que não originou em vida muitos impulsos psíquicos terá pouca base ou força em sua natureza essencial para manter seus altos princípios no *devachan*. Quase tudo o que terá serão aqueles originados na infância, antes que ele começasse a se dedicar a pensamentos materialistas. A sede pela vida expressada pela palavra *Tanha* é a força magnética ou de atração alojada nos *skandhas* inerentes a todos os seres. Em um caso como esse, a regra média não se aplica, já que todo o efeito em qualquer situação é devido ao equilíbrio de forças e ao seu resultado em forma de ação ou reação. E esse tipo de pensador materialista pode emergir do *devachan* em um outro corpo aqui em um mês, cedendo às forças psíquicas não gastas originadas no início da vida. Mas como cada uma dessas pessoas varia quanto ao tipo, à intensidade e à quantidade de pensamentos e de impulsos psíquicos, cada uma pode variar em relação ao tempo de estada no *devachan*. Pensadores desesperadamente materialistas permanecerão na condição devachânica estupefatos ou aparentemente adormecidos, já que eles não têm, em si mesmos, força apropriada para aquele estado salvo de uma maneira vaga, e em relação a eles pode ser dito com muita veracidade que não há estado algum após a morte no que concerne à mente; eles ficam em um torpor por um período, e então vivem novamente na terra. Essa média geral de estada no *devachan* nos dá a duração de um ciclo humano muito importante, o Ciclo da Reencarnação. Pois à luz desta lei percebe-se que o desenvolvimento de uma nação se repete, e se compreende que os tempos passados voltarão novamente.

Os últimos pensamentos poderosos e profundamente impressos dão o colorido e a tendência de toda a vida do *devachan*. Os momentos derradeiros da vida definem o tom de cada momento subsequente. Neles a alma e a mente se fixam, e tecem a partir deles todo um conjunto de eventos e experiências, expandindo-os ao limite máximo, e alcançando tudo o que não foi possível na vida. Assim, expandindo e tecendo esses pensamentos, a entidade tem sua juventude, crescimento e envelhecimento; e isso é o despontar da força, sua expansão e o seu enfraquecimento até a exaustão final. Se a pessoa levou uma vida sem colorido, o *devachan* será sem cores; uma vida rica dará um *devachan* rico em variedade e efeito. A existência lá não é um sonho a não ser em um sentido convencional, pois é um estágio da vida do homem. Quando nós estamos lá, a vida física parece um sonho. Ela não é monótona de forma alguma. Nós temos a tendência de medir todos os estados da vida e locais de experiência pelos padrões terrenos presentes, e imaginar que isso é uma realidade. Mas a vida da alma é sem fim e não cessa por nem um instante. Deixar nosso corpo físico é apenas uma transição para viver em outro lugar ou plano. Mas como as vestimentas etéreas

do *devachan* são mais duradouras do que as que vestimos aqui, as causas espirituais, morais e psíquicas demoram mais tempo para se expandir e exaurir naquele estado do que levam na terra. Se as moléculas que formam o corpo físico não estivessem submetidas às leis químicas que governam a terra física, viveríamos tanto tempo no corpo físico quanto no estado devachânico. Mas uma vida assim, de esforço e sofrimento intermináveis, seria suficiente para destruir a alma submetida a ela. O prazer seria então dor, e o excesso na comida ou na bebida terminaria em uma insanidade imortal. A natureza, sempre amável, nos leva logo de novo ao céu para um descanso, para o florescimento do que há de melhor e mais elevado em nossas naturezas.

O *devachan* não é nem sem sentido, nem sem motivo. “Nele nós repousamos; aquela parte de nós que não podia florescer sob os céus frios da vida terrena se expande em flor e volta conosco para a vida na terra mais forte e mais integrada que antes à nossa natureza. Por que deveríamos lamentar que a Natureza gentilmente nos auxilia na luta interminável? Por que manter a mente remoendo sobre a personalidade atual e pequena, e sua boa ou má sorte?” [2]

Mas às vezes é perguntado:

“E quanto a aqueles que deixamos para trás? Nós os vemos lá?”

Nós não os vemos lá de fato, mas construímos para nós imagens deles tão inteiras, completas e objetivas como na vida física, e isentas de tudo o que então achávamos ser uma mácula. Nós vivemos com eles e os vemos tornarem-se grandiosos e bons, ao invés de maus ou ruins. A mãe que deixou para trás um filho bêbado, encontra-o no *devachan* como um homem sóbrio e bom, e isso ocorre em todos os casos. Pais, filhos, marido e mulher têm seus entes queridos lá perfeitos e plenos de conhecimento. Isso é para o benefício da alma. Pode-se chamar isso de ilusão, mas a ilusão é necessária para a felicidade, assim como frequentemente ocorre na vida. E como é a mente que faz a ilusão, não é um engano intencional de alguém. Certamente a ideia de um paraíso construído ao lado de um inferno, onde você deve saber – se lhe restar algum cérebro ou memória de acordo com o esquema ortodoxo moderno – que os seus amigos e parentes que erraram estão sofrendo a tortura eterna, não pode ser comparada à doutrina do *devachan*.

Mas o habitante do *devachan* não é totalmente destituído de poder para ajudar aqueles que ficaram na terra. O amor, o mestre da vida, quando é real, puro e profundo, fará algumas vezes com que o feliz eu superior que está no *devachan* influencie os que foram deixados para trás na terra para ajudá-los não apenas no campo moral mas também no campo das circunstâncias materiais. Isso é possível sob uma lei do universo oculto, que não poderá ser explicada agora em pormenor, mas o fato pode ser afirmado. Ele foi trazido a nós por H.P. Blavatsky, sem, no entanto, que ela tenha dado muita atenção ao tema. [3]

A última questão a considerar é se nós podemos daqui alcançar aqueles que estão no *devachan*, ou se eles podem vir aqui. Nós não podemos afetá-los a não ser que sejamos Adeptos. A afirmação dos médiuns, de que mantém comunicação com os espíritos dos mortos é sem base; e ainda menos válida é a afirmação da habilidade de ajudar aqueles que foram para o *devachan*. O Mahatma, um ser que desenvolveu todos os poderes e que está livre das ilusões, pode ir até o estado devachânico e então se comunicar com os eus superiores lá. Esta é uma de suas funções, e esta é a única escola de Apóstolos depois da morte. Eles lidam com certas entidades no *devachan* com o propósito de tirá-las daquele estado, de forma que voltem à terra para o benefício da raça. Os eus superiores com os quais eles lidam são aqueles cuja natureza é grande e profunda, mas que ainda não são sábios o suficiente para superar as ilusões naturais do *devachan*. Algumas vezes também o médium puro e hipersensível vai até esse estado e então mantém comunicação com os eus superiores lá, mas isso é raro, e certamente não ocorre com a média geral dos médiuns que trabalham por dinheiro. Mas a alma nunca desce até o médium. E o abismo entre a consciência do

devachan e a consciência da terra é tão profundo e largo que raramente o médium pode se lembrar, ao retornar, e relatar aqui o que viu, ou quem ele encontrou ou escutou no *devachan*. Esse abismo é similar ao que separa o *devachan* do renascimento; e nele toda memória é apagada.

Terminado o período destinado às forças da alma no *devachan*, os fios magnéticos que a ligam à terra começam a fazer valer seus direitos. O eu superior acorda do sonho, é conduzido rapidamente para um novo corpo. Então, logo antes do nascimento, ele vê por um momento todas as causas que o levaram para o *devachan* e agora de volta à vida que está prestes a se iniciar. Sabendo que tudo é justo, e que tudo é resultado da sua vida passada, ele não se lamenta; ele assume a cruz de novo – e assim outra alma retorna à terra.

NOTAS:

[1] Na verdade, o intervalo médio entre duas vidas varia de um mil a quatro mil anos, salvo os vários grupos de exceções. Um Mahatma dos Himalaias escreveu: “... Como a mônada não tem corpo *Cármico* para orientar o seu renascimento, cai na não-existência durante um certo período e depois reencarna — certamente não antes de mil ou dois mil anos.” (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, vol. II, p. 148, pergunta 26, e resposta única às perguntas 25 e 26). Em outro texto, falando dos casos normais, em que há *Devachan*, o Mestre esclarece: “Sem dúvida, o Ego real é inerente aos princípios superiores que reencarnam periodicamente a cada mil, dois mil, três mil ou mais anos.” (“Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 85B, p. 40). Na Carta 62, o Mestre explica mais uma vez que “os intervalos entre os renascimentos são incomensuravelmente grandes” (volume I, página 256). O início da resposta número nove da Carta 68 das Cartas dos Mahatmas deixa, também, muito claro: o intervalo entre duas vidas é normalmente não só de anos e décadas, mas “séculos e milênios, frequentemente multiplicados por alguma coisa mais”. E o Mestre acrescenta: “os prazos de existência encarnada de um homem correspondem a apenas uma pequena proporção dos seus períodos de existência internatal”. (volume I, p. 305). H. P. B. também abordou a questão. Ela menciona que o intervalo varia, é de “cerca de 3.000 anos, às vezes mais, às vezes menos.” (“Transmigration of Life Atoms”, texto publicado em “Theosophical Articles”, de H.P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1981, volume II, p. 249. O mesmo texto está no volume V de “Collected Writings”, TPH.) (NT)

[2] Carta do Mahatma K. H., veja a revista *Path*, volume 5, p. 192.

[3] Todo contato entre o ser humano fisicamente vivo e o habitante do *devachan* terá que ser búdico, envolvendo o plano do sexto princípio ou alma imortal. Uma alteração para melhor no sexto princípio de quem está ligado por um laço de amor espiritual ao habitante do *devachan* pode ter consequências positivas na relação entre o ser fisicamente vivo e o mundo material que o rodeia. Veja-se os outros textos sobre os estados pós-morte publicados em nossos websites associados. H.P. Blavatsky aborda o tema do contato com o habitante do *Devachan* em “Transactions of the Blavatsky Lodge” (Theosophy Co., Los Angeles, 150 pp., ver p. 77). Nesta obra (que é transcrição de diálogos com ela) Helena Blavatsky afirma que a única forma de contato é através de um sonho, ou em estado de transe. O eu interno do indivíduo que está vivo deverá ir até o habitante do *Devachan*, porque o contrário é impossível. O diálogo faz parte do texto “Sonhos”, de Helena Blavatsky, e que pode ser encontrado em nossos websites associados. Veja também “Isis Unveiled”, H.P. Blavatsky, edição original, Theosophy Co., volume II, pp. 115 e 343. (NT)

CAPÍTULO XIV

Os Ciclos

A doutrina dos Ciclos é uma das mais importantes de todo o sistema teosófico, embora seja a menos conhecida e, de todas, a menos frequentemente referida. Os investigadores ocidentais vêm suspeitando há alguns séculos que os eventos ocorrem em ciclos, e uns poucos escritores europeus têm lidado com o assunto, mas todos de modo muito incompleto. Essa visão fragmentária e essa falta de conhecimento preciso se devem à descrença nas coisas espirituais e ao desejo de examinar tudo a partir da ciência materialista. Não pretendo expor a lei dos ciclos inteira, pois ela não é dada em detalhes pelos Mestres de Sabedoria. Mas já foi divulgado o suficiente, e muitas coisas conhecidas durante longo tempo pelos Antigos se somam para aumentar consideravelmente o nosso conhecimento.

Um ciclo é um círculo ou uma volta, como a derivação da palavra indica. As palavras correspondentes em sânscrito são *Yuga*, *Kalpa* e *Manvântara*, mas, destas, *yuga* é a que mais se aproxima de “ciclo”, pois, como conceito, tem duração menor do que os outros termos. O começo de um ciclo deve ser um momento que, adicionado a outros, completa um dia. Dias somados constituem meses, anos, décadas e séculos. O Ocidente raramente vai além disso. Ele reconhece o ciclo da lua e o grande ciclo sideral, mas olha para ambos e para os outros ciclos como meros períodos de tempo. Se formos considerá-los apenas como duração de tempo, eles não têm interesse, exceto para o estudo matemático ou para a astronomia. E é assim que os ciclos são considerados hoje pelos pensadores europeus e norte-americanos. Para eles, os ciclos existem mas não têm nenhuma grande influência sobre a vida humana, e seguramente não exercem influência alguma sobre a real repetição de acontecimentos, ou sobre o reaparecimento, no palco da vida, de pessoas que já viveram no mundo.

A teoria teosófica é claramente outra, como tem que ser, já que ela inclui a doutrina da reencarnação, que já recebeu uma boa dose de atenção nos capítulos anteriores. Os ciclos não só são considerados fatos concretos em relação ao tempo. Eles e outros períodos têm uma grande influência sobre a vida humana e a evolução do globo, incluindo todas as formas de vida nele existentes. Começando com o momento e prosseguindo ao longo de um dia, essa teoria transforma o ciclo em um círculo abrangente, que inclui tudo o que está dentro dos seus limites. O momento é a base. A questão a ser examinada em relação ao grande ciclo é a seguinte: quando ocorreu o primeiro momento? Isso não pode ser respondido, mas pode-se dizer que a verdade sustentada pelos antigos teosofistas é que, nos primeiros momentos da solidificação desse globo, a massa de matéria envolvida no processo atingiu um certo padrão definido de vibração, que se manterá através de todas as variações em qualquer parte dele, até que chegue a hora da dissolução. [1] São esses padrões de vibração que determinam os diferentes ciclos, e, ao contrário das ideias da ciência ocidental, a doutrina afirma que o sistema solar e o globo em que estamos chegarão ao fim quando a força por trás de toda a massa de matéria visível e invisível tiver alcançado o seu limite de duração sob a lei cíclica. Neste ponto a nossa doutrina é outra vez diferente tanto da visão religiosa como da visão científica. [2]

Não admitimos que o final da força seja devido à retirada por algum Deus da sua proteção, nem à súbita colocação em movimento por algum Deus de qualquer outra força contrária ao globo. Nós dizemos que a força que trabalha e determina o grande ciclo é a força do próprio homem, visto como um ser espiritual. Quando ele houver terminado de usar esse globo, ele o abandonará, e então com ele partirá a força que mantém tudo junto. A consequência será a dissolução por fogo,

água ou o que seja, mas esses fenômenos são apenas efeitos e não causas. As especulações científicas convencionais nessa área afirmam que a terra poderá “cair” no sol, ou que um cometa de peso poderá destruir o globo, ou que poderemos colidir com um planeta maior, conhecido ou não. Do ponto de vista da etapa em que estamos, estas especulações não fazem sentido.

A reencarnação é a grande lei da vida e do progresso, e está entrelaçada com a lei dos ciclos e a lei do carma. As três leis trabalham juntas, e na prática é quase impossível dissociar a reencarnação da lei dos ciclos. Indivíduos e nações retornam à terra em correntes definidas, e em períodos regularmente repetidos, e assim ressurgem no globo as artes, a civilização e os mesmos indivíduos que um dia estiveram trabalhando nele. Como as nações e os povos estão conectados por fortes fios invisíveis, grandes grupos de seres humanos, movendo-se devagar, mas certamente juntos, reúnem-se em épocas diferentes, e sempre emergem novamente, em uma nova etnia e uma nova civilização, à medida que os ciclos percorrem as suas rondas. Dessa forma, as almas que formaram as mais antigas civilizações retornarão e trarão com elas a civilização anterior, em ideia e essência. Isso, somado ao que outros indivíduos fizeram pelo desenvolvimento da raça humana em matéria de caráter e de conhecimento, produzirá um estado novo e mais elevado de civilização. Esse desenvolvimento melhor não se deverá a livros, registros, artes ou mecânica, porque todos estes elementos são periodicamente destruídos, pelo menos do ponto de vista das evidências físicas. [3] Mas como a alma sempre retém em *Manas* o conhecimento que obteve em algum momento, e como ela sempre busca e força um desenvolvimento mais completo dos princípios e dos poderes superiores, a essência do progresso feito permanece, e reaparecerá de modo tão seguro quanto o renascimento do sol. Ao longo desse caminho estão os pontos em que os ciclos grandes e pequenos de Avatares trazem, para o benefício do ser humano, os grandes personagens que moldam a raça humana de tempos em tempos.

O Ciclo dos Avatares inclui vários ciclos menores. Os maiores são os marcados pelo aparecimento de Rama e Krishna entre os hindus, de Menes entre os egípcios, de Zoroastro entre os persas, e de Buddha entre os hindus e outras nações orientais. Buddha é o último dos grandes Avatares, e está em um ciclo maior do que Jesus dos judeus, pois os ensinamentos deste são os mesmos que os de Buddha, e estão coloridos pelo que Buddha ensinou àqueles que instruíram Jesus. Outro grande Avatar, correspondendo a uma combinação das linhas de Krishna e de Buddha, ainda está por vir. Krishna e Rama foram da ordem militar, civil, religiosa e oculta; Buddha da ética, religiosa e mística, e nisso foi seguido por Jesus. Maomé foi um intermediário menor para uma certa parte da raça, e foi um líder civil, militar e religioso. Nesses ciclos podemos incluir personagens mistos que tiveram influência sobre as nações, como o rei Artur, Faraó, Moisés, Carlos Magno reencarnado como Napoleão Bonaparte, Clóvis da França renascido como imperador Frederico III da Alemanha e George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos da América do Norte, onde a raiz da nova raça está sendo formada.

Na intercessão de grandes ciclos, ocorrem efeitos dinâmicos que alteram a superfície do planeta, devido à mudança dos polos do globo ou a alguma outra convulsão. Esta não é uma teoria geralmente aceita, mas nós sustentamos que é verdadeira. O ser humano é um grande dínamo, produzindo, armazenando e irradiando energia, e quando grandes grupos de seres que compõem uma raça humana produzem e distribuem energia, há um efeito dinâmico resultante na matéria do globo, que será poderoso o suficiente para ser nítido e cataclísmico. O fato de que isto tem causado vastas e terríveis perturbações nos estratos do planeta é admitido por toda parte e está comprovado. As perturbações ocorrem através de terremotos e formação de gelo, no tocante à geologia; mas, com respeito às formas animais, a lei cíclica afirma que certas formas animais agora extintas, e também algumas formas humanas, ainda não conhecidas mas suspeitadas, retornarão novamente em seu próprio ciclo; e certas línguas humanas, agora consideradas mortas, estarão em uso outra vez na sua devida hora cíclica.

“O ciclo Metônico é o da Lua. É um período de dezenove anos. Quando ele se completa, a lua nova e a cheia retornam aos mesmos dias do mês.”

“O ciclo do sol é um período de vinte e oito anos. Quando ele se completa, o domingo retorna ao seu lugar prévio e prossegue na ordem anterior, de acordo com o calendário Juliano.”

O grande ano sideral indica o tempo que os pontos equinociais levam para fazer, em sua precessão, uma revolução completa nos céus. É composto de quase 25.868 anos. Afirma-se que o último ano sideral terminou cerca de 9.868 anos atrás [4], época na qual deve ter acontecido na terra uma violenta convulsão, ou uma série delas, assim como o deslocamento geográfico de nações. O encerramento desse grande período coloca a terra em novos locais do cosmos, não com respeito à sua própria órbita, mas em razão do verdadeiro progresso do sol em uma órbita própria, que não pode ser medida por nenhum observador atual [5], mas que é suspeitada por alguns e está localizada em uma das constelações.

O homem é especialmente influenciado pelos ciclos espirituais, psíquicos, e morais; e a partir desses ciclos brotam os ciclos nacionais e individuais. Os ciclos nacionais e raciais são históricos. Os ciclos individuais são os de reencarnação, de sensação e de outros registros cármicos. A duração do ciclo individual de reencarnação para a massa geral dos seres humanos é de mil e quinhentos anos [6], e isso por sua vez nos fornece um grande ciclo histórico intimamente ligado ao progresso da civilização. Pois à medida que grande quantidade de indivíduos retorna do *devachan*, pode-se concluir que as épocas romana, grega, e a antiga época ariana, entre outras, serão vistas de novo e que elas podem ser em grande parte rastreadas. Mas o ser humano também é afetado pelos ciclos astronômicos, porque ele é uma parte do todo, e esses ciclos marcam os períodos em que a humanidade, em conjunto, irá sofrer uma mudança. Nos livros sagrados de todas as nações, estes ciclos são frequentemente mencionados. Eles estão na Bíblia dos cristãos, como, por exemplo, na história de Jonas no ventre da baleia. A narrativa parece absurda quando é lida como história, mas não tanto, quando é vista como um ciclo astronômico. “Jonas” está nas constelações, e quando aquele ponto astronômico que representa o homem alcança o ponto no Zodíaco que está diretamente oposto ao ventre de Cetus, a Baleia, no outro lado do círculo – o que é conhecido como processo de oposição – então diz-se que Jonas está no centro do peixe. Ele é “expelido” quando se completa o período, quando aquele ponto-homem tiver passado adiante, no Zodíaco, colocando-se fora da oposição com a Baleia. Similarmente, à medida que o mesmo ponto se move através do Zodíaco, ele é trazido à oposição com diferentes constelações que passam a estar exatamente opostas a ele, um século após o outro, à medida que ele se move adiante. Durante esses progressos, há mudanças nos homens e na terra, representadas exatamente pelas constelações, quando estas são vistas de acordo com as regras corretas da simbologia.

Não se afirma que a conjunção provoque o efeito, mas que, eras atrás, os Mestres de Sabedoria calcularam todos os problemas em relação ao ser humano e encontraram nos céus os meios para saber as datas exatas em que os eventos com certeza ocorrerão, e então, ao imprimir nas mentes de antigas nações a simbologia do Zodíaco, possibilitaram a preservação do registro e da profecia. Assim, da mesma maneira que um relojoeiro pode nos dizer a hora pela movimentação dos ponteiros ao longo de certos pontos fixos, os Sábios podem conhecer o momento dos eventos através do relógio zodiacal. Não se acredita nisso hoje, é claro. Mas isso será bem compreendido nos séculos futuros, e como todas as nações da terra possuem em geral símbolos similares para o zodíaco, e como também os registros de raças há muito extintas possuem o mesmo, não é provável que o espírito de vandalismo do século 19 seja capaz de apagar essa valiosa herança de nossa evolução. No Egito, o zodíaco de Dendera [7] conta uma lenda igual à que nos foi deixada pela antiga civilização do continente americano. As lendas vêm da mesma fonte. Elas são o trabalho dos Sábios que surgem no começo de cada grande ciclo humano e dão à humanidade – quando ela

começa sua difícil trajetória pela estrada do desenvolvimento – grandes símbolos e ideias de caráter astronômico que irão durar por todos os ciclos menores.

A respeito dos cataclismos gerais que ocorrem no início e no fim dos grandes ciclos, as principais leis que governam os efeitos são a do Carma e a da Recorporificação ou Reencarnação, que se cumprem de acordo com a regra cíclica. Não só o ser humano é regido por essas leis. Cada átomo de matéria também é regido por elas, e a totalidade da matéria física está constantemente sofrendo mudanças, ao mesmo tempo que o ser humano. A matéria física deve, portanto, exibir alterações correspondentes àquelas pelas quais o homem pensante está passando. No plano físico, os efeitos são trazidos pelos fluidos elétricos e outros, que agem com os gases nos sólidos do globo. Na virada de um grande ciclo, eles alcançam o que poderia ser chamado de “ponto de explosão” e podem causar convulsões violentas dos seguintes tipos: (a) Terremotos, (b) Inundações, (c) Incêndios, (d) Gelo.

De acordo com essa filosofia, os terremotos podem ser produzidos por duas causas gerais. A primeira é o abaixamento ou elevação da matéria situada sob a crosta terrestre, devido a calor e vapor. A segunda é dada pelas mudanças elétricas ou magnéticas que afetam a água e a terra ao mesmo tempo. Estas últimas têm o poder de tornar a terra instantaneamente fluída, sem liquefazê-la, causando assim deslocamentos imensos e violentos, em ondas grandes ou pequenas. Esse efeito é visto agora em áreas de terremotos, nas quais causas elétricas similares estão em ação em escala menor.

As inundações de grande extensão são causadas por deslocamento de água devido ao abaixamento ou elevação de terras, e por estas mesmas alterações combinadas com a mudança elétrica, o que induz uma copiosa descarga de umidade. Esta última não é o mero esvaziamento de uma nuvem, mas uma súbita transformação em água de vastas massas de fluidos e sólidos.

Os incêndios em escala planetária surgem de mudanças elétricas e magnéticas na atmosfera, pelas quais a umidade é retirada do ar e este é transformado em uma massa ardente; e, em segundo lugar, pela súbita expansão do centro magnético solar em sete centros, assim queimando o globo.

Os cataclismos pelo gelo não vêm apenas da súbita alteração dos polos, mas também do abaixamento da temperatura devido às alterações das correntes mornas no mar e das correntes quentes magnéticas dentro da terra. As primeiras são conhecidas da ciência, e as últimas, não. O estrato mais inferior da umidade é subitamente congelado, e vastas áreas de terra são cobertas da noite para o dia com vários metros de gelo. Isso pode facilmente acontecer com as ilhas britânicas, se as correntes mais quentes do oceano forem desviadas do seu litoral. [8]

Tanto os egípcios como os gregos tinham os seus ciclos, mas, em nossa opinião, eles os obtiveram dos sábios indianos. Os chineses sempre foram uma nação de astrônomos, e têm registradas observações que retroagem até bem antes da era cristã, mas como elas pertencem a uma raça antiga, condenada à extinção – por estranha que essa afirmação possa parecer – suas conclusões não são corretas para as nações arianas. [9]

Com a chegada da era cristã, um pesado manto de escuridão caiu sobre as mentes dos seres humanos no Ocidente, e a Índia ficou durante muitos séculos isolada de modo a preservar essas suas grandes ideias durante a noite mental da Europa. Esse isolamento foi produzido deliberadamente como uma precaução necessária tomada pela Loja sobre a qual falei no capítulo I, porque seus adeptos, sabendo perfeitamente das leis cíclicas, desejaram preservar a filosofia para as futuras gerações. Como seria meramente pedante e especulativo discutir os desconhecidos Saros e Naros, e outros ciclos dos egípcios, exporei os ciclos bramânicos, já que eles coincidem quase exatamente com os períodos corretos.

Um período de manifestação universal é chamado Brahmanda, que é uma vida completa de Brahma. A vida de Brahma é formada por seus dias e anos, os quais, sendo cósmicos, têm cada um uma duração imensa. O dia de Brahma tem as suas próprias 24 horas. O seu ano tem pouco mais do que 360 dias, e o número dos anos da sua vida é 100.

Agora consideremos esse globo – uma vez que não estamos envolvidos com nenhum outro. O seu governo e sua evolução acontecem sob um *Manu*, ou *Homem*, e disso vem o termo *Manvântara*, ou “entre dois *Manus*”. [10]

O curso da evolução está dividido em quatro *Yugas* para cada raça, segundo seu próprio tempo e sua maneira. Essas *Yugas* não afetam toda a humanidade ao mesmo tempo, pois algumas raças estão em uma das *Yugas* enquanto outras estão em um ciclo diferente. Os nativos norte-americanos, por exemplo, estão no fim da sua idade da pedra [11], enquanto os arianos estão em um estado bem diferente.

Essas quatro *Yugas* são: *Krita*, ou *Satya*, a de ouro; *Treta*; *Dvapara*; e *Kali* ou a negra. A era atual para o ocidente e a Índia é a *Kali Yuga*, especialmente com respeito ao desenvolvimento moral e espiritual. A primeira dessas é lenta em comparação com o resto e a atual – *Kali* – é muito rápida. O seu movimento é acelerado precisamente por determinados períodos astronômicos conhecidos hoje a respeito da lua, mas não totalmente calculados.

TABELA

	ANOS MORTAIS
360 (um pouco mais) dias mortais perfazem.....	1
<i>Krita Yuga</i>tem	1.728.000
<i>Treta Yuga</i> tem	1.296.000
<i>Dvapara Yuga</i> tem	864.000
<i>Kali Yuga</i>tem	432.000
<i>Maha Yuga</i> , ou as quatro eras precedentes, tem	4.320.000
71 <i>Maha Yugas</i> formam o período de um <i>Manu</i> , ou	306.720.000
14 <i>Manus</i> correspondem a	4.294.080.000
Adicionando os alvoreceres ou crepúsculos entre cada <i>Manu</i>	25.920.000
Estes reinados e alvoreceres perfazem 1000 <i>Maha Yugas</i> , um <i>Kalpa</i> ou Dia de <i>Brahma</i>	4.320.000.000
A Noite de <i>Brahma</i> equivale em extensão a seu Dia, e Dia e Noite juntos perfazem	8.640.000.000
360 desses Dias formam um Ano de <i>Brahma</i>	3.110.400.000.000
100 desses Anos perfazem a Vida de <i>Brahma</i>	311.040.000.000.000

Os primeiros 5000 anos do *Kali Yuga* terminam entre os anos de 1897 e 1898. Essa *yuga* começou cerca de 3102 anos antes da era cristã, quando ocorreu a morte de Krishna. Como 1897-98 não está muito longe, o homem de ciência de hoje terá a oportunidade de ver se o fechamento do ciclo de cinco mil anos será precedido ou seguido por quaisquer convulsões ou grandes mudanças políticas, científicas ou físicas, ou todas elas combinadas. [12]

As mudanças cíclicas estão se processando agora, à medida que, ano após ano, almas que viveram em civilizações anteriores estão encarnando nesse tempo, quando a liberdade de pensamento e

ação não está tão restrita no Ocidente como foi no passado devido ao fanatismo e ao preconceito religioso e dogmático.

Estamos no momento presente em um ciclo de transição, e, como seria de prever, tudo está mudando, na filosofia, na religião e na sociedade. Em um período de transição, as regras e os cálculos completos e inteiros não são divulgados para quem coloca o dinheiro acima de todas as coisas e menospreza a visão espiritual do homem e da natureza.

NOTAS:

[1] O texto diz: “... a massa de matéria envolvida no processo atingiu um certo e definido padrão de vibração, que se manterá através de todas as variações em qualquer parte dele, até que a hora da dissolução aconteça”. A ideia contida nesta frase de W. Judge tem um claro paralelo com a atual concepção da teoria astrofísica do Big-Bang. A teoria do Big-Bang afirma que durante uma fração quase incalculavelmente pequena de tempo, uma “explosão silenciosa” de energia estabeleceu a frequência vibratória e o equilíbrio entre expansão e retração que regem até hoje e regerão no futuro a evolução do nosso universo. (NT)

[2] O leitor deve levar em conta que esta obra foi publicada na década de 1890. Desde então, as ciências exatas tiveram tempo de aproximar-se bastante da ciência esotérica e da filosofia teosófica, confirmando com seus próprios métodos muitas das afirmativas feitas por H. P. Blavatsky e seu aprendiz William Q. Judge no século 19. (NT)

[3] William Judge se refere aqui apenas às evidências físicas disponíveis ao público. Os Iniciados preservam a memória histórica e cultural de todos os períodos da evolução, em seus registros e em suas bibliotecas esotéricas, conforme explica H.P. Blavatsky nas páginas iniciais de “A Doutrina Secreta”. A filosofia esotérica revela algumas das informações que estão preservadas em tais arquivos. (NT).

[4] “9868 anos atrás”; contando, naturalmente, a partir do ano em que este livro foi publicado pela primeira vez, o que ocorreu em 1893. (NT)

[5] Exceto os altos iniciados, que conhecem com ampla precisão tudo o que diz respeito à evolução humana. (NT)

[6] “Mil e quinhentos anos”. Na verdade, o intervalo médio entre duas vidas varia flexivelmente em uma faixa muito mais ampla, entre um mil e quatro mil anos, e mesmo esta faixa inclui muitas exceções. Um Mahatma dos Himalaias escreveu: “... Como a mônada não tem corpo *Cármico* para orientar o seu renascimento, cai na não-existência durante um certo período e depois reencarna — certamente não antes de mil ou dois mil anos.” (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, vol. II, p. 148, pergunta 26, e resposta única às perguntas 25 e 26). Em outro texto, falando dos casos normais, em que há Devachan, o Mestre esclarece: “Sem dúvida, o Ego real é inerente aos princípios superiores que reencarnam periodicamente a cada mil, dois mil, três mil ou mais anos.” (“Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 85B, p. 40). Na Carta 62, o Mestre explica mais uma vez que “os intervalos entre os renascimentos são incomensuravelmente grandes” (volume I, página 256). O início da resposta número nove da Carta 68 das Cartas dos Mahatmas deixa, também, muito claro: o intervalo entre duas vidas é normalmente não só de anos e décadas, mas “séculos e milênios, frequentemente multiplicados por alguma coisa mais”. E o Mestre acrescenta: “os prazos de existência encarnada de um homem correspondem a apenas uma pequena proporção dos seus períodos de existência internatal” (volume I, p. 305). H. P. B. também aborda a questão. Ela menciona que o intervalo varia, e é de “cerca de 3.000 anos, às vezes mais, às vezes menos.” (Ver “Transmigration of Life Atoms”, texto publicado em “Theosophical Articles”, de H.P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1981, volume II, p. 249. O mesmo texto está no volume V de “Collected Writings” de HPB, publicados por T. P. H.) (NT)

[7] O Zodíaco de Dendera é mencionado diversas vezes na obra “A Doutrina Secreta”. Ali a senhora Blavatsky afirma, por exemplo, que, segundo registros deste zodíaco em antigos templos egípcios, houve alterações nos polos terrestres em épocas muito anteriores à nossa. Tais alterações seriam ciclicamente recorrentes. Veja, na edição original, “The Secret Doctrine”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, volume II, p. 368. (NT)

[8] Esta possibilidade também é prevista – com base em dados da ciência do século 21 – por Al Gore, ex-vice-presidente norte-americano e ganhador do Prêmio Nobel da Paz. Veja em nossos websites associados o artigo “Al Gore e a Tradição Esotérica”, de Carlos Cardoso Aveline. (NT)

[9] As nações arianas são os povos que descendem da antiga civilização hindu. A afirmação de William Judge sobre a “extinção” das etnias chinesas parece ter sido feita descuidadamente. Ela está fora de qualquer visão de futuro que se possa ter atualmente. Ocorrerá no processo da sucessão das raças-raízes, fenômeno que envolve tempo de longo prazo e que não é de modo algum específico dos chineses. Helena Blavatsky certamente não escreveu sobre *decadência* do povo chinês, e tinha profunda admiração pelas filosofias de Confúcio e Lao-Tzu. Ainda sobre a China, veja a nota 2, no capítulo X. (C.C. Aveline)

[10] O termo *Manu* significa “um homem”, isto é, um tipo ou modelo geral de ser humano que persiste durante uma longa etapa de desenvolvimento da humanidade. (NT)

[11] A afirmativa se refere ao século 19, e às tribos que não tinham contato com a civilização mais avançada. De lá para cá, as condições culturais dos povos indígenas se alteraram completamente. (NT)

[12] A primeira edição desta obra é de 1893. Por outro lado, as alterações geológicas e a mudança de era se desenvolvem ao longo de vários séculos, no caso dos ciclos menores, de poucos milhares de anos, segundo H. P. Blavatsky explica em “A Doutrina Secreta”. A transição é muito mais demorada no caso dos grandes ciclos. (NT)

000

CAPÍTULO XV

A Diferenciação das Espécies - Os Elos Perdidos

Nota Editorial de 2016:

Introdução ao Capítulo XV

O presente capítulo apresenta um desafio extra ao leitor.

Nos primeiros parágrafos, o texto afirma erradamente que as sete raças-raízes apareceram “simultaneamente” em nosso planeta, e que ainda hoje estão presentes e misturadas aos povos da atual humanidade. Se tomada literalmente, esta noção iria contra o que a Teosofia clássica ensina sobre as Raças-Raízes. A verdade é que as duas primeiras raças não eram físicas. As duas últimas tampouco serão físicas.

As almas humanas são as mesmas ao longo dos vários ciclos. Em cada raça, a nossa humanidade aproveita o melhor da experiência acumulada na raça anterior. As raças são, pois, sucessivas e não simultâneas.

É verdade que algumas raças podem conviver entre si durante algum tempo, assim como em uma família os avós convivem com netos. Ainda assim, elas têm idades muito diferentes e não são “simultâneas”.

As passagens que mencionam uma suposta “simultaneidade” entre as sete raças podem ser resultado da transcrição errônea de alguma palestra aproveitada neste capítulo. A ideia de uma hipotética simultaneidade literal das sete raças não faz sentido e iria contrariar, inclusive, a explicação que o próprio William Judge dá sobre o tema das raças no capítulo três desta mesma obra.

No entanto, a ideia da simultaneidade abstrata dos planos em que as diferentes raças evoluem sucessivamente e ao longo do tempo é correta. A este respeito, vale a pena ler as páginas 244 a 261 de “Cartas de H.P. Blavatsky Para A.P. Sinnett”. [1]

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTA:

[1] “Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett”, T.U.P., Pasadena, CA, 1973, 404 pp., pp. 244-261, especialmente 245.

CAPÍTULO XV

A Diferenciação das Espécies - Os Elos Perdidos

Entre a ciência e a teosofia há uma grande distância, até agora não transposta, no que diz respeito à origem do ser humano e à diferenciação das espécies. Nesse terreno, os professores de religião do ocidente oferecem uma teoria, amparada dogmaticamente em uma suposta revelação que é tão impossível quanto a teoria apresentada pelos homens da ciência. Ainda assim, os expositores religiosos se aproximam mais da verdade do que a ciência. Através da crença supersticiosa da religião em Adão e Eva, Caim, Set e Noé, fica vagamente delineada a história real das raças humanas, sendo Adão apenas o representante de uma raça entre outras. Os povos que receberam Caim e lhe forneceram uma esposa eram de algumas das raças humanas que apareceram simultaneamente com a raça encabeçada por Adão.

Em última instância, a origem e o começo do ser humano não podem ser descobertos, embora possamos saber quando e de onde vieram os seres humanos deste globo. O ser humano sempre existiu, se não neste globo, então em algum outro. Ele sempre esteve e sempre estará existindo em algum lugar no Cosmos. Ele se aperfeiçoa permanentemente, buscando alcançar a imagem do Homem Celestial. Está sempre vindo a ser. Mas como a mente humana não pode recuar até começo algum, iniciaremos com este globo. Nesta terra, que faz parte de uma cadeia inteira de globos, sete raças de seres humanos apareceram simultaneamente, vindas de outros globos de uma cadeia mais antiga. Considerando-se esta terra – a quarta dessa cadeia – essas sete raças vieram simultaneamente de outro globo dessa cadeia. Esse aparecimento de sete raças juntas acontece na

primeira ronda e em parte da segunda ronda dos globos. Na segunda ronda os sete grupos de seres são amalgamados, e seu destino, depois disso, é diferenciar-se lentamente, ao longo das sucessivas rondas, até que na sétima ronda as sete primeiras grandes raças estejam mais uma vez diferenciadas, como tipos perfeitos da raça humana dentro do que for permitido alcançar nesse período de evolução. No presente, as sete raças estão misturadas, e representantes de todas elas estão nas assim chamadas raças de seres humanos, conforme a classificação da ciência atual [1]. O sentido dessa amalgamação e posterior diferenciação é dar a cada raça o benefício do progresso e do poder do todo, a partir do progresso anterior obtido em outros planetas e sistemas. Porque a natureza nunca faz seu trabalho de modo apressado e indevido, mas, através do método seguro da mistura, da precipitação e da separação, promove a maior perfeição possível. E esse método era conhecido pelos Alquimistas, embora não fosse totalmente compreendido por eles em todas as suas implicações.

Portanto, o ser humano não brotou de um único casal. Nem veio de qualquer tribo ou família de macacos. É inútil olhar tanto para a religião como para a ciência em busca de esclarecimento para esta questão, porque a ciência está confusa segundo ela própria admite, e a religião está embaraçada com uma revelação que, em seus livros, contradiz a teoria apresentada pelo padre. Adão é chamado de primeiro homem, mas o registro no qual se encontra a história mostra que outras raças humanas devem ter existido na terra antes que Caim pudesse fundar uma cidade. A Bíblia, então, não apoia a teoria do casal único. Se tomarmos uma das hipóteses da Ciência e admitirmos por um momento que o homem e o macaco se diferenciaram de um ancestral comum, teremos então que decidir de onde veio esse ancestral. O primeiro postulado da Loja [2] sobre esse assunto é que sete raças humanas aparecem simultaneamente na terra, e a primeira premissa negativa é que o ser humano não surgiu de um único casal, nem surgiu do reino animal.

As diferenças de caráter e de capacidade que aparecem posteriormente na história humana são consequência das variações que foram provocadas nos Eu Superiores em outros e longos períodos anteriores da evolução, em outras cadeias de globos. Essas variações foram absorvidas tão profundamente que se tornaram equivalentes a características inerentes. Para as raças deste globo, o período anterior de evolução se passou na cadeia de globos da qual a lua é hoje o representante visível.

A controvertida questão dos macacos antropoides terem um parentesco com o ser humano foi explicada pelos Mestres de Sabedoria, que dizem que ao contrário de serem nossos progenitores, eles foram criados pelo próprio ser humano. Em um dos períodos iniciais do globo, os homens daquele tempo geraram, em grandes fêmeas do reino animal, os antropoides, e nos corpos antropoides foi capturado certo número de Egos destinados a serem humanos um dia. O remanescente dos descendentes dos verdadeiros antropoides procede daqueles filhos ilegítimos do homem, e morrerão gradualmente, seus Egos adentrando corpos humanos. Aqueles corpos, metade homem e metade macaco, não poderiam ser animados por egos estritamente animais, e por essa razão são conhecidos na Doutrina Secreta como a “Raça Postergada”, a única não incluída na ordem da Natureza de que nenhum outro ego dos reinos inferiores adentrará o reino humano até o próximo *Manvantara*. Para todos os reinos abaixo do homem, exceto os antropoides, a porta está agora fechada para a entrada no estágio humano, e os Egos nas formas subordinadas devem todos esperar por sua vez no próximo grande ciclo. Como os Egos atrasados da família antropoide emergirão no estágio humano mais tarde, eles serão dessa forma recompensados pela longa espera naquela raça degradada. Todos os demais macacos são produtos dos modos comuns do processo evolutivo.

Nesse assunto, o melhor a fazer é citar as palavras de um dos Mestres de Sabedoria, falando da antropologia esotérica de “A Doutrina Secreta”:

“A semelhança anatômica entre o homem e o macaco superior, tão frequentemente citada pelos darwinistas como apontando para um antigo ancestral comum a ambos, representa um problema interessante, cuja solução adequada deve ser procurada na explicação esotérica da gênese dos grupos pitecoides. Demos informações sobre isso até onde elas podiam ser úteis, ao afirmar que a animalidade das primitivas raças destituídas de mente resultou na produção de monstros imensos de forma humana – frutos de pais humanos e animais. À medida que se passou o tempo e as formas ainda semi-astrais se consolidaram em físicas, os descendentes dessas criaturas foram modificados por condições externas até que a classe, diminuindo de tamanho, culminou nos macacos inferiores do período Mioceno. Com estes, os atlantes posteriores renovaram o pecado dos “Sem Mente” - desta vez com total responsabilidade. Os resultados do seu crime são as espécies agora conhecidas como os antropoides ... Deixe-nos recordar o ensinamento esotérico que nos fala do Homem tendo, na terceira ronda, uma forma gigantesca e parecida com a do macaco, no plano astral. E de maneira similar, no término da terceira raça nesta ronda. Isso então explica as feições humanas dos macacos, especialmente dos antropoides mais recentes – além do fato que estes preservam por hereditariedade uma semelhança com seus progenitores atlanto-lemurianos.”[3]

Além disso, os mesmos professores afirmam que os tipos mamíferos foram produzidos na quarta ronda, depois do surgimento dos tipos humanos. Por essa razão não havia nenhuma barreira contra a fertilidade, porque os tipos-raiz daqueles mamíferos não estavam distantes o suficiente para erguer a barreira natural. A união não natural na terceira raça, quando o ser humano não tinha ainda recebido a luz de Manas, não foi um crime contra a natureza, já que, sem a presença da mente, a não ser por um germe rudimentar, nenhuma responsabilidade lhe poderia ser atribuída. Mas na quarta ronda [4], estando presente a luz de Manas, a renovação do ato pela nova raça foi um crime, porque foi feita com pleno conhecimento das consequências e contra o alerta da consciência. O efeito cármico disso, que inclui todas as raças, ainda será integralmente sentido e entendido - em um futuro ainda muito distante de hoje.

Como o ser humano veio para este globo de outro planeta, embora na ocasião fosse, é claro, um ser de grande poder, antes de ficar completamente enredado na matéria, também os reinos inferiores vieram de forma semelhante, em germe e tipo, de outros planetas, e continuam sua evolução ascendente passo a passo, com a ajuda do ser humano, que está, em todos os períodos de manifestação, à frente da onda da vida. Os Egos nesses reinos inferiores não puderam terminar sua evolução na cadeia de globos precedente antes de sua dissolução, e chegando a esta cadeia eles prosseguem, era após era, aproximando-se gradualmente do estágio humano. Um dia eles também se tornarão humanos, e agirão como guarda avançada e guia para outros reinos inferiores, deste ou de outros globos. E na vinda desde um planeta anterior, são sempre trazidos, junto com a primeira e mais alta categoria de seres, alguns tipos de vida animal, algumas frutas, e outros produtos como modelos ou tipos para uso aqui. Não será proveitoso tratar em detalhes sobre isso aqui, pois essas ideias são tão adiantadas para o tempo atual que apenas despertariam o ridículo em alguns e a estupidez em outros. Mas, como as formas gerais dos vários reinos foram trazidas desta maneira, temos que considerar a seguir como a diferenciação das espécies animais e demais espécies inferiores começou e foi levada adiante.

Esse é o ponto em que o auxílio inteligente e a interferência de uma mente, ou de um grupo de mentes são absolutamente necessários. Tal auxílio e interferência foi e é o caso, pois a Natureza sem ajuda não pode fazer o trabalho direito. Mas não quero dizer que Deus ou os anjos interfiram e ajudem. É o Homem que faz isso. Não o homem de hoje, fraco e ignorante como está, mas grandes almas, homens elevados e santos, de imenso poder, conhecimento e sabedoria. Algo que todo ser humano saberia que pode tornar-se, se a religião por um lado, e a ciência por outro, não tivessem pintado um tal quadro de fraqueza, maldade inerente e origem puramente material dos seres humanos que praticamente todos pensam que são fantoches de Deus ou de um destino cruel

sem esperança, ou permanecem com um objetivo egoísta e degradante em vista, tanto aqui como depois. Vários nomes foram dados a esses seres, agora afastados do nosso plano. Eles são os *Dhyanis*, os Criadores, os Guias, os Grandes Espíritos, e assim por diante; há muitos títulos. Na literatura teosófica, eles são chamados de *Dhyanis*.

Através de métodos conhecidos por eles e pela Grande Loja, eles trabalham nas formas assim trazidas, e adicionando aqui, tirando ali, e frequentemente alterando, eles gradualmente transformam os reinos da natureza, assim como o corpo humano denso gradualmente se forma. Esse processo ocorre principalmente no período puramente astral que precede o período físico denso, já que os impulsos dados deste modo certamente se propagarão adiante, ao longo dos sucessivos tempos. Quando o ponto médio da evolução é alcançado, as espécies emergem para o estágio atual, não mostrando a conexão aos olhos do homem, nem aos nossos instrumentos. As investigações atuais seguiram certas espécies até certo ponto onde, como é admitido, não se sabe de qual raiz elas vieram. Tomando por um lado os bois, e por outro os cavalos, vemos que ambos têm cascos, mas um tem o casco fendido e o outro, apenas um dedo. Estes nos remetem, quando alcançamos o ancestral mais antigo de cada um, ao ponto médio, e ali a ciência tem que parar. Nesse ponto a sabedoria dos Mestres entra, mostrando que atrás disso está a região astral da evolução arcaica, onde estavam os tipos-raiz nos quais os *Dhyanis* começaram a evolução pela alteração e adição, que resultou na diferenciação posterior, no plano grosseiro, das várias famílias, espécies e gêneros.

Um vasto período de tempo, cerca de 300.000.000 de anos, se passou com a terra, o ser humano e todos os reinos da natureza em um estágio astral. Então não havia nenhuma matéria densa como a conhecemos agora. Isso aconteceu nas primeiras rondas, quando a natureza estava efetuando devagar o seu trabalho de aperfeiçoar os tipos no plano astral, que é matéria, embora muito tênue em sua textura. No final daquela sequência de anos, o processo de solidificação começou, a forma do homem sendo a primeira a se tornar sólida, e então alguns dos protótipos astrais das rondas precedentes foram envolvidos no processo de solidificação, embora na verdade pertencentes a um período anterior, quando tudo era astral. Quando esses fósseis são descobertos, deduz-se que devem ser daquelas criaturas que coexistiram com o corpo físico denso do ser humano.

Embora esse argumento seja suficientemente adequado dentre as outras teorias da ciência, torna-se apenas uma suposição se a existência do período astral for admitida. Estaria além do alcance desse trabalho entrar em detalhes. Mas é possível dizer de passagem que nem a abelha nem o trigo poderiam ter sua diferenciação original nessa cadeia de globos, mas devem ter sido produzidos e concluídos em alguma outra, de onde foram trazidos para cá. Por que razão isso deve ser assim, é algo que pretendo deixar por enquanto como uma conjectura.

Pode-se objetar, a toda essa teoria, que a ciência não foi capaz de encontrar os elos perdidos entre os tipos-raiz do período astral e os fósseis atuais ou espécies vivas. No ano de 1893, em Moscou, o professor Virchow disse em uma palestra que o elo perdido estava tão distante como sempre, que continuava sendo um sonho, e que não havia nenhuma evidência real mostrando que o homem veio dos animais. Isso é verdade, e nenhum tipo de elo perdido será descoberto pela ciência com os métodos presentes. Pois todos eles existem no plano astral, e portanto são invisíveis ao olho físico. Eles podem ser vistos apenas pelos sentidos astrais internos, que devem primeiro ser treinados para fazer seu trabalho adequadamente, e até que a ciência admita a existência dos sentidos astrais e internos, ela nunca tentará desenvolvê-los. Portanto, sempre a ciência estará sem os instrumentos para descobrir os elos astrais deixados no plano astral no longo curso da diferenciação. Os fósseis referidos acima, que foram, por assim dizer, solidificados fora de hora, formam uma exceção à impossibilidade de encontrar quaisquer elos perdidos, mas eles são becos sem saída para a ciência porque ela não admite nenhum dos fatos necessários.

O objeto de toda essa diferenciação, amalgamação e separação é bem estabelecida por outro dos Mestres, assim:

“A Natureza prefere conscientemente que a matéria seja indestrutível em formas orgânicas do que em inorgânicas, e trabalha lenta mas incessantemente rumo à realização desse objetivo - a evolução da vida consciente a partir de material inerte.” (“O Mundo Oculto”, de Alfred P. Sinnett.)

NOTAS:

[1] A noção de que a humanidade é composta por raças diferentes - considerando-se a palavra “raça” no seu sentido comum - já está se desfazendo. No início do século 21, a ciência considera que não há diferença genética suficiente entre os seres humanos para dividi-los em raças, e afirma que do ponto de vista físico há apenas uma só raça humana. No entanto, o conceito teosófico de raça abrange milhões de anos e inclui povos com características físicas muito diferentes. (NT)

[2] “Loja” - referência à Fraternidade de Iniciados de diferentes nações que guarda o conhecimento esotérico relativo à evolução humana e planetária. (NT)

[3] “The Secret Doctrine”, H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1982, vol. II, p. 689. (NT)

[4] Aqui tudo indica que deva ser “raça” e não “ronda”, a palavra correta. Aparentemente, trata-se de mais um erro de transcrição de palestra aproveitada neste capítulo. (NT)

000

CAPÍTULO XVI

As Leis, as Forças e os Fenômenos do Mundo Psíquico

O campo das forças psíquicas, dos fenômenos e sua dinâmica é vasto. Tais fenômenos são vistos, e forças são exibidas diariamente em todos os lugares, mas até há poucos anos pouquíssima atenção era dada a eles pelos homens da ciência, enquanto grande dose de ridículo era atribuída àqueles que relatavam a ocorrência ou alegavam crença no nível psíquico da natureza.

Há cerca de quarenta anos surgiu nos Estados Unidos um culto, que chamou a si mesmo muito erroneamente de “espiritismo” [1], e que, tendo uma grande oportunidade, a negligenciou, caindo em uma mera busca de fenômenos, sem o menor vestígio de uma filosofia. Tal movimento alcançou muito pouco em termos de progresso, exceto pelo registro de vários fatos não assimilados, que durante quatro décadas não puderam atrair seriamente a atenção das pessoas em geral. Mesmo tendo sua utilidade, e incluindo em suas fileiras muitas pessoas inteligentes, os grandes perigos e danos causados aos seres humanos envolvidos como instrumentos e àqueles que os procuravam superam em muito o bem alcançado, na opinião daqueles discípulos da Loja [2] que prefeririam ver o homem progredindo equilibradamente e sem quedas na senda da evolução.

Mas outros investigadores ocidentais das escolas convencionais não tiveram melhor desempenho, e o resultado é que não há uma psicologia ocidental digna desse nome.

A falta de um sistema adequado de psicologia é consequência natural da tendência materialista da ciência e da influência paralisante da religião dogmática. Uma ridiculariza os esforços e bloqueia o caminho. A outra proíbe a investigação. Entretanto, o ramo católico romano da religião cristã é em alguns aspectos uma exceção. Ele sempre admitiu a existência do mundo psíquico - pois este é o império dos anjos e dos demônios. Mas como os anjos se manifestam quando querem e os demônios devem ser evitados, a igreja não permite que ninguém se intrometa em tais assuntos, a não ser um sacerdote autorizado. No tocante à proibição de práticas perniciosas como a necromancia, permitida pelos “espíritos”, aquela igreja está certa, mas não quanto às outras proibições e restrições. A psicologia real é hoje um produto oriental. É bem verdade que o sistema foi conhecido no ocidente quando uma civilização muito antiga floresceu na América, e em certas partes da Europa, anteriormente à era cristã, mas hoje a psicologia em seu verdadeiro aspecto pertence ao oriente.

Há forças, leis e poderes psíquicos? Se há, então os fenômenos devem existir. E se tudo que foi delineado nos capítulos anteriores for verdade, então no homem existem os mesmos poderes e forças que podem ser encontrados em qualquer parte da Natureza. Ele é considerado pelos Mestres de Sabedoria como o mais alto produto de todo o sistema de evolução, e espelha em si mesmo cada poder, quer seja terrível ou maravilhoso, da Natureza; pelo próprio fato de ser tal espelho é que ele é homem.

Isso foi reconhecido há muito tempo no Oriente, onde o autor viu demonstrações de tais poderes que poderiam perturbar as teorias de vários homens de ciência do Ocidente. E no Ocidente, os mesmos fenômenos foram repetidos para o autor, de forma que ele sabe por conhecimento pessoal que todo homem de qualquer raça tem os mesmos poderes em potencial. Os fenômenos psíquicos - ou como são frequentemente chamados, mágicos - autênticos feitos pelos faquires ou iogues orientais são todos realizados pelo uso de forças e processos naturais, que o Ocidente nem sequer sonhou ainda. A levitação do corpo em aparente desafio à lei da gravidade é algo que pode ser feito com facilidade quando o processo é completamente dominado. Não contrapõe lei alguma. A gravitação é apenas metade da lei. Os sábios orientais admitem a gravidade, se alguém quiser adotar esse termo; mas o termo real é atração, a outra metade da lei sendo expressa pela palavra repulsão, e ambas sendo governadas pelas grandes leis da força elétrica. Peso e estabilidade dependem da polaridade, e quando a polaridade de um objeto é alterada em relação ao solo imediatamente abaixo dele, então o objeto pode se elevar no ar completamente sem apoio, como um pássaro, quando sua polaridade é mudada dessa forma. Essa mudança é produzida conscientemente por certo sistema de respiração conhecido dos orientais; pode ser induzida também pela ajuda de certas forças naturais a serem tratadas posteriormente, nos casos daqueles que exibem os fenômenos sem o conhecimento da lei, como os santos da Igreja Católica Romana.

Uma terceira grande lei que participa em muitos dos fenômenos do Ocidente e do Oriente é a da Coesão. O poder da Coesão é um poder definido em si mesmo, e não um resultado, como se supõe. Essa lei e sua ação devem ser conhecidos para que ocorra a produção de determinados fenômenos, como por exemplo o que o autor viu, a passagem de um anel sólido através do outro, ou de uma pedra através de uma parede sólida. Por conta disso outra força é usada, que pode ser chamada apenas de dispersão. A coesão é a força dominante, pois, no momento que a força dispersiva é retirada, a força coesiva restaura a posição original das partículas.

Seguindo este princípio, o Adepto que domina esta grande dinâmica é capaz de dispersar os átomos de um objeto - sempre excluindo o corpo humano - a tal distância um do outro que permita torná-lo invisível, e então enviá-los, em uma corrente formada no éter, a qualquer

cujas causas já estejam suficientemente bem demarcadas e feitas. Se as causas ainda estiverem indefinidas, assim serão as imagens do futuro. Mas, para a massa de eventos de vários anos por vir, todas as causas efetivas e produtoras estão sempre demonstradas com suficiente definição para permitir ao vidente vê-las de antemão, como se fossem o presente. Por meio dessas cenas, vistas com os sentidos interiores, todos os clarividentes exercitam a sua estranha faculdade. No entanto, é uma faculdade comum a todos os homens, embora na maioria apenas minimamente desenvolvida; mas o ocultismo afirma que se o germe desse poder não estivesse minimamente ativo em todo mundo, nenhum homem poderia transmitir ao outro qualquer tipo de ideia.

Na clarividência, as cenas na Luz Astral passam perante a visão interna e são refletidas no olho físico a partir de dentro. Elas então aparecem objetivamente ao vidente. Se elas são de eventos passados ou daqueles ainda por acontecer, a imagem é apenas vista. Se são de eventos que estão acontecendo de fato naquele momento, a cena é percebida através da Luz Astral pelo sentido interno. A diferença entre a visão comum e a visão clarividente é, portanto, que na clarividência com a visão do estado de vigília a vibração é comunicada primeiramente ao cérebro, de onde é transmitida ao olho físico, onde ela forma uma imagem na retina, assim como o cilindro giratório do fonógrafo faz com que o bocal vibre exatamente como a voz vibrava ao entrar no receptor. Na visão comum, as vibrações chegam primeiro ao olho, sendo então transmitidas ao cérebro. Imagens e sons são ambos causados por vibrações, e assim qualquer som uma vez emitido é preservado na Luz Astral, de onde o sentido interior pode retirá-lo, e transmiti-lo a partir de dentro para o cérebro, de onde chega ao ouvido físico. Logo, na clariaudiência à distância, o ouvinte não escuta com o ouvido, mas com o centro da audição do corpo astral. A vidência pode ser uma combinação da clarividência com a clariaudiência, ou não, de acordo com cada caso em particular, e a frequência com que eventos futuros são vistos pelo vidente agrega um elemento de profecia.

O grau mais alto de clarividência - o da visão espiritual - é muito raro. O clarividente comum lida apenas com os aspectos e estratos comuns da matéria astral. A luz espiritual vem apenas para aqueles que são puros, devotados e firmes. Ela pode ser atingida pelo desenvolvimento especial do órgão particular do corpo, somente através do qual tal visão é possível, e apenas depois de disciplina, longo treinamento e o mais alto altruísmo. Todas as outras clarividências são transitórias, inadequadas e fragmentárias, porque lidam apenas com matéria e ilusão. Seu caráter fragmentário e inadequado resulta do fato de que dificilmente qualquer clarividente tem o poder de ver mais do que um dos níveis mais baixos da substância astral de cada vez. Os de mente pura e os corajosos podem tratar com o futuro e com o presente de forma muito melhor do que qualquer clarividente. Mas como a existência desses dois poderes prova a presença em nós de sentidos internos e do meio necessário - a Luz Astral -, eles têm, como faculdades humanas, uma relação importante com as alegações dos chamados “espíritos” da sala de sessões.

Os sonhos resultam às vezes da ação cerebral, processando-se automaticamente, e são também produzidos através da transmissão, pela pessoa interna real, daquelas cenas ou ideias, altas ou baixas, que a pessoa real viu enquanto o corpo dormia. Elas são então filtradas para dentro do cérebro, como se flutuassem na alma à medida que ela afunda no corpo. Esses sonhos podem ser úteis, mas geralmente a retomada da atividade corporal destrói o significado, perverte a imagem, e reduz tudo à confusão. Mas o maior acontecimento em todo ato de sonhar é que lá dentro alguém percebe e sente, e este é um dos argumentos para a existência da pessoa interior. No sono o homem interior comunga com inteligências superiores, e algumas vezes consegue imprimir no cérebro aquilo que recebeu, tanto como uma grande ideia ou como visão profética, e em outras falha, devido à resistência do tecido cerebral. O carma da pessoa também determina o significado de um sonho, pois um rei pode sonhar algo que se relaciona ao seu reino, enquanto a mesma coisa sonhada por um cidadão não se relaciona com nada de consequência temporal. Mas, como é dito por Jó: “Nos sonhos e nas visões da noite o homem é instruído”.

As aparições e os duplos são de dois tipos em geral. Em um caso, temos as cascas astrais ou imagens do mundo astral, tanto realmente visíveis aos olhos como resultantes da vibração de dentro lançada para o olho, fazendo assim a pessoa pensar que vê uma forma objetiva externa. No outro caso, o corpo astral de pessoas vivas, levando consigo a consciência integral ou apenas parte da consciência da pessoa. Tentativas laboriosas de sociedades de pesquisas psíquicas para comprovar as aparições sem o conhecimento dessas leis realmente nada provam, pois de vinte casos admitidos, dezenove podem ser a objetivação da imagem impressa no cérebro. Mas que aparições são vistas, não há dúvida. Aparições daqueles que acabaram de morrer podem ser tanto imagens tornadas objetivas como descrito, ou o corpo astral - chamado de *Kama Rupa* nesse estágio - do falecido. E como as forças e pensamentos finais liberados do corpo são muito fortes, temos mais relatos de tais aparições do que de qualquer outro tipo.

O Adepto pode irradiar sua aparição, a qual, entretanto, é chamada por outro nome, já que consiste de seu corpo astral consciente e treinado, dotado com toda sua inteligência e não totalmente destacado do seu arcabouço físico.

A teosofia não nega ou ignora as leis físicas descobertas pela ciência. Ela admite todas, tais como são provadas, mas afirma a existência de outras leis que modificam a ação daquelas que comumente conhecemos. Por trás de todos os fenômenos visíveis está o cosmo oculto com todo o seu maquinário ideal; aquele cosmo oculto pode apenas ser entendido por meio dos sentidos internos que pertencem a ele, aqueles sentidos não serão facilmente desenvolvidos se sua existência for negada. O cérebro e a mente, atuando juntos, têm o poder de desenvolver formas, primeiro como formas astrais na substância astral, e mais tarde como formas visíveis, por adição de matéria neste plano. Objetividade depende largamente da percepção, e percepção pode ser afetada pelos estímulos internos. Assim, uma testemunha pode tanto ver um objeto que existe verdadeiramente como tal do lado de fora, ou pode ser levada a vê-lo por estímulo interno. Isso nos dá três modos de visão: (a) com o olho, por meio da luz em um objeto; (b) com os sentidos internos por meio da Luz Astral, e (c) pelo estímulo de dentro que faz o olho se reportar ao cérebro, assim projetando a imagem interna para fora. Os fenômenos de outros sentidos podem ser mapeados da mesma maneira.

A substância astral sendo o registro de todos os pensamentos, sons, imagens e outras vibrações, e o homem interno sendo uma pessoa completa, capaz de agir com ou sem coordenação com o físico, todos os fenômenos de hipnotismo, clarividência, clariaudiência, mediunidade, e o restante daqueles que não são conscientemente executados, podem ser explicados. Na substância astral estão todos os sons e imagens, e no homem astral permanecem impressões de todos os eventos, por mais remotos ou insignificantes que sejam. Agindo juntos, eles produzem os fenômenos que parecem tão estranhos para quem nega ou desconhece os postulados do ocultismo.

Mas para explicar os fenômenos feitos pelos Adeptos, Faquires, Iogues e todos os ocultistas treinados, deve se entender as leis ocultas da química, da mente, da força e da matéria. E não é, obviamente, a meta desta obra tratar delas em detalhe.

NOTAS:

[1] O livro “O Oceano da Teosofia” foi publicado pela primeira vez em 1893. (NT)

[2] A Loja da Fraternidade Universal, da qual fazem parte os Mestres de Sabedoria que vivem nos Himalaias. (NT)

[3] No século 21, a ciência discute o conceito de teletransporte, que equivale aos conceitos de “desmaterialização” e “rematerialização”. (NT)

[4] Bombaim - atual Mumbai, na Índia. (NT)

000

CAPÍTULO XVII

Fenômenos Psíquicos e Espiritismo

Na história dos fenômenos psíquicos, os registros do assim chamado “espiritismo” na Europa, América do Norte e demais locais ocupam um lugar importante. Advirto que jamais um termo foi tão mal aplicado como “espiritismo” para o mencionado culto na América e Europa, já que não há nada do espírito nele. As doutrinas divulgadas nos capítulos precedentes são as do verdadeiro espiritismo, as mal denominadas práticas dos médiuns modernos e assim chamados espíritas constituem a adoração dos mortos, na realidade a antiga necromancia, que foi sempre proibida pelos mestres espirituais. Elas são a materialização grosseira da ideia espiritual, e lidam mais com a matéria do que com seu oposto. Dizem alguns que esse culto se originou há cerca de quarenta anos na América, em Rochester, NY, sob a mediunidade das irmãs Fox, mas era conhecido em Salem durante a onda de bruxaria, e na Europa, há cem anos, buscava-se as mesmas práticas, fenômenos similares eram vistos, médiuns se desenvolviam, e sessões aconteciam. Por séculos tem sido bem conhecido na Índia, onde é acertadamente chamado de “adoração de *bhutta*”, significando a tentativa de comunicar-se com o espírito ou com os restos astrais das pessoas falecidas. Este deveria ser o seu nome aqui também, pois através dele as partes grosseiras, demoníacas ou terrenas do homem são provocadas, sofrem apelos e se comunicam. Mas os fatos do longo registro de quarenta anos na América requerem um breve exame. Esses fatos todos os teosofistas estudiosos devem admitir. A explicação e as deduções teosóficas, entretanto, são totalmente diferentes daquelas do espírita médio. Não se desenvolveu uma filosofia nas fileiras ou literatura espíritas; só a teosofia dará a verdadeira explicação, apontará os defeitos, revelará os perigos, e sugerirá remédios.

Como é sabido que clarividência, clariaudiência, transferência de pensamentos, profecia, sonhos e visão, levitação, aparições de espectros, são poderes conhecidos há eras, as questões mais prementes no tocante ao espiritismo são relativas à comunicação com as almas daqueles que deixaram esta terra e estão agora desencarnados, e com espíritos não classificados, que não estiveram encarnados aqui, mas pertencem a outras esferas. Talvez também a questão de materialização de formas nas salas de sessão mereça alguma atenção. Comunicação inclui falas em transe, escritas na lousa ou em outros meios, vozes independentes no ar, falas através dos órgãos físicos de vocalização do médium, e precipitação de mensagens a partir do ar. Os médiuns se comunicam com os espíritos dos mortos? Os nossos amigos que partiram percebem a condição da vida que deixaram, e retornam algumas vezes para falar conosco?

As respostas estão implícitas nos capítulos anteriores. Os nossos seres queridos que partiram não nos veem aqui. Eles estão liberados da terrível angústia que tal visão infligiria. De vez em quando, um médium de mente pura, não pago, pode ascender, em transe, ao estado no qual está a alma de uma pessoa falecida, e pode lembrar-se de fragmentos do que foi escutado lá; mas isso é raro. Aqui e ali, no curso de décadas, alguns altos espíritos humanos podem retornar por um momento e, por

meios inequívocos, comunicar-se com os mortais. No momento da morte a alma pode falar com algum amigo da terra antes que a porta seja finalmente fechada. Mas a grande quantidade de supostas comunicações, feitas dia após dia através de médiuns, são de remanescentes não inteligentes dos homens, ou em muitos casos, apenas a produção, invenção, compilação, descoberta e arranjo feito pelo corpo astral frouxamente fixado do médium vivente.

Há algumas objeções à teoria de que os espíritos dos mortos se comunicam. Algumas delas são:

I- Em nenhum momento esses espíritos revelaram as leis que comandam quaisquer desses fenômenos, exceto em alguns casos, não reconhecidos pelo culto, onde a teoria teosófica se adiantou. Como isso destruiria as estruturas, tais como as construídas por A. J. Davis, estes espíritos em especial caíram em descrédito.

II- Os espíritos discordam entre si, um descrevendo um pós-morte muito diferente do outro. Essas discordâncias variam segundo o médium e as supostas teorias do falecido durante sua vida. Um espírito admite a reencarnação, e outros a negam.

III- Os espíritos nada descobriram a respeito da história, antropologia, ou outros assuntos importantes, parecendo ter menor competência nesse campo do que os homens vivos; e embora frequentemente reiviniquem serem homens que viveram em antigas civilizações, eles mostram ignorância no assunto, ou apenas repetem descobertas recentemente publicadas.

IV- Nesses quarenta anos, nenhuma base lógica dos fenômenos nem do desenvolvimento da mediunidade foi obtida dos espíritos. É dito que grandes filósofos se comunicam através dos médiuns, mas proferem apenas disparates e lugares comuns.

V- Os médiuns chegam à ruína moral e física, são acusados de fraude, expostos como culpados de trapaça, mas o espírito que os guia e controla não interfere, nem para impedir nem para salvar.

VI- É admitido que guias e supervisores enganam e incitam à fraude.

VII- Qualquer um pode ver, através de tudo que é dito dos espíritos, que suas asserções e filosofias variam de acordo com o médium e com os mais avançados pensamentos dos espíritos ainda vivos.

De tudo isso, e de muito mais que poderia ser acrescentado, o homem da ciência materialista sai fortalecido na sua tentativa de ridicularizar, mas o teosofista tem que concluir que as entidades, se há qualquer uma se comunicando, não são espíritos humanos, e que as explicações devem ser encontradas em outras teorias.

A materialização de uma forma no ar, independente do corpo físico do médium, é um fato. Mas não é um espírito. Como foi muito bem expressado por um dos “espíritos” não aprovados pelo espiritismo, uma maneira de produzir esse fenômeno é por acréscimo de partículas elétricas e magnéticas em uma massa sobre a qual matéria é agregada e uma imagem refletida a partir da esfera astral. Isso é tudo; tão fraudulento como uma coleção de máscaras e musselina. Como isso é feito é outra história. Os espíritos não são capazes de contar, mas nos capítulos anteriores fizemos uma tentativa para indicar os métodos e os instrumentos. O segundo método é pelo uso do corpo astral do médium vivo. Nesse caso, a forma astral que emanou do médium, gradualmente atrai sobre si partículas extraídas do ar e dos corpos dos presentes na sessão até que afinal, ela se torna visível. Algumas vezes lembrará o médium; noutras mostrará uma aparência diferente. Em quase todos os casos a penumbra é requerida, porque uma luz forte perturbaria a substância astral de maneira violenta, e tornaria difícil a projeção astral. Algumas das assim chamadas materializações são imitações vazias, já que são apenas chapas planas de substância elétrica e

magnética, onde a Luz Astral é refletida. Estas parecem ser as fisionomias dos mortos, mas são apenas ilusões pintadas.

Para alguém entender os fenômenos psíquicos encontrados na história do “espiritismo”, é necessário conhecer e admitir o seguinte:

I- A completa hereditariedade do homem, astral, espiritual e psiquicamente, como um ser que sabe, raciocina, sente e age através do corpo, do corpo astral e da alma.

II- A natureza da mente, sua operação, seus poderes; a natureza e poder da imaginação; a duração e efeitos das impressões. O mais importante nisso é a persistência das menores impressões, assim como das maiores; que toda impressão produz uma imagem na aura individual; e que por meio desta uma conexão se estabelece entre as auras de amigos e parentes, velhos, novos, próximos, distantes, e em graus distantes: isso daria uma ampla margem de possíveis visões a um clarividente.

III- A natureza, extensão, função e poder dos órgãos e faculdades astrais internas do homem, compreendidos pelos termos corpo astral e *Kama*. Que estes não são impedidos de agir pelo transe ou sono, mas estão reforçados no médium quando em transe; ao mesmo tempo sua ação não é livre, mas governada pelo acorde da massa de pensamentos dos presentes à sessão, ou por uma vontade predominante, ou pela entidade que preside por trás da cena; se um investigador científico cético estiver presente, sua atividade mental pode inibir a ação dos poderes do médium, por algo que podemos chamar de um processo de congelamento, o qual não há termo em inglês que descreva adequadamente.

IV- O destino do homem real após a morte, seu estado, poder e atividade lá, e sua relação, se há alguma, com aqueles que deixou para trás.

V- Que o intermediário entre a mente e o corpo - o corpo astral - é descartado na morte, e deixado na luz astral para desaparecer; e que o homem real vai para o *Devachan*.

VI- A existência, a natureza, o poder e a função da luz astral, e seu lugar como um registro na Natureza. Que ela contém, retém, e reflete imagens de toda e qualquer coisa que aconteceu a qualquer pessoa, e também cada pensamento; que ela permeia o globo e a atmosfera ao seu redor; que a transmissão da vibração através dela é praticamente instantânea, já que a velocidade é muito mais rápida que a da eletricidade tal como é conhecida agora.

VII- A existência na luz astral de seres que não usam corpos como os nossos, de natureza não humana, tendo poderes, faculdades e uma espécie de consciência própria; entre eles estão incluídas as forças elementais ou espíritos da natureza, divididas em muitos graus, os quais têm a ver com cada operação da Natureza e cada movimento da mente do homem. Que esses elementais agem nas sessões automaticamente em seus vários departamentos, uma categoria apresentando imagens, outra produzindo sons, e outras despolarizando objetos com o propósito de movê-los. Agindo com eles nessa esfera astral estão os homens sem alma que vivem nela. A estes devem ser atribuídos o fenômeno, entre outros, da “voz independente”, sempre soando como uma voz em um barril porque é formada em um vácuo que é absolutamente necessário para uma entidade há tanto desprovida do espírito. O timbre peculiar desse tipo de voz não foi considerado importante pelos espíritas, mas é extremamente significativo do ponto de vista do ocultismo.

VIII- A existência e operação de leis e forças ocultas na natureza, que podem ser usadas para produzir resultados fenomênicos neste plano; que essas leis e forças podem ser colocadas em operação pelo homem subconsciente e pelos elementais, tanto consciente quanto

inconscientemente, e que muitas dessas operações ocultas são automáticas da mesma maneira que o congelamento da água sob o frio intenso, ou o derretimento do gelo sob o calor.

IX- Que o corpo astral do médium, compartilhando da natureza da substância astral, pode se estender a partir do corpo físico, pode agir fora do mesmo, e pode também projetar, às vezes, qualquer porção sua, como mão, braço ou perna, e que por meio dessas movem objetos, escrevem cartas, produzem toques no corpo, e assim por diante *ad infinitum*. E que o corpo astral de qualquer pessoa pode ser levado a sentir uma sensação que, sendo transmitida ao cérebro, faz a pessoa pensar que está sendo tocada do lado de fora, ou que escutou um som.

A mediunidade é cheia de perigos porque agora a parte astral do homem tem um funcionamento normal somente quando associada ao corpo; em um futuro remoto ela atuará normalmente sem o corpo, como já aconteceu no passado longínquo. Tornar-se um médium significa que você tem que se tornar desorganizado, fisiologicamente e no sistema nervoso, porque é através deste que ocorre a conexão entre os dois mundos. No momento em que a porta é aberta, todas as forças desconhecidas se apressam em entrar, e como a parte mais grosseira da natureza está mais próxima de nós, ela é a parte que mais nos afeta; a natureza inferior é também primeiramente afetada e inflamada porque as forças utilizadas são daquela parte de nós. Estamos então à mercê de pensamentos vis de todos os homens, e sujeitos à influência das cascas no *Kama Loka*. Se a isso for acrescentada a cobrança em dinheiro pela prática da mediunidade, há um perigo adicional, pois as coisas do espírito e aquelas relativas ao mundo astral não devem ser vendidas. Esta é a grande doença do espiritismo norte-americano, e ela deturpou e degradou toda a história; até que seja eliminada, nenhum bem virá dessa prática; aqueles que desejem ouvir a verdade do outro mundo devem dedicar-se à verdade e deixar todas as considerações sobre dinheiro fora disso.

Tentar adquirir o uso de poderes psíquicos por mera curiosidade ou para fins egoístas é também perigoso, pelas mesmas razões apontadas no caso da mediunidade. Como a civilização de hoje é egoísta no mais alto grau e está construída sobre o elemento pessoal, as regras para o desenvolvimento desses poderes e a forma correta não foram reveladas, mas os Mestres de Sabedoria disseram que a filosofia e a ética devem primeiro ser aprendidas e praticadas antes que qualquer desenvolvimento de outro tipo seja permitido; e sua condenação ao desenvolvimento massivo de médiuns é amparada pela história do espiritismo, que é uma longa história da ruína de médiuns por toda a parte.

Igualmente impróprios são os modos das escolas científicas que, sem um pensamento para a verdadeira natureza do homem, favorecem experimentações em hipnotismo, no qual os sujeitos ficam prejudicados por toda vida, colocados em atitudes vergonhosas, e levados a fazer coisas para a satisfação de investigadores que nunca seriam feitas por homens e mulheres em seus estados normais. A Loja dos Mestres não se interessa pela Ciência, a não ser que ela vise uma situação melhor para o homem, tanto moral como fisicamente, e nenhuma ajuda será dada à Ciência até que ela olhe para o homem e para a vida a partir do lado moral e espiritual. Por essa razão, aqueles que sabem tudo sobre o mundo físico, seus habitantes e leis, estão promovendo uma reforma moral e filosófica antes que qualquer atenção maior seja dada aos estranhos e sedutores fenômenos possíveis para os poderes internos do homem.

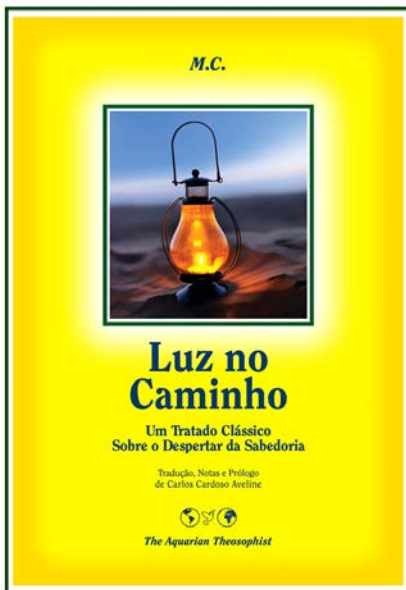
E no momento presente, o ciclo já quase completou sua trajetória neste século. Agora, como há um século, as forças estão desacelerando; por essa razão os fenômenos do espiritismo estão diminuindo em número e volume; a Loja espera que, no momento em que a nova maré comece a aumentar, o Ocidente tenha adquirido algum conhecimento da verdadeira filosofia do Homem e da Natureza, e esteja então pronto para suportar que se levante o véu um pouco mais. Ajudar o progresso da raça humana nessa direção é o objetivo deste livro, e deste modo ele é submetido aos seus leitores de todas as partes do mundo.

000

Aqui termina o livro “**O Oceano da Teosofia**”, de William Q. Judge.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000